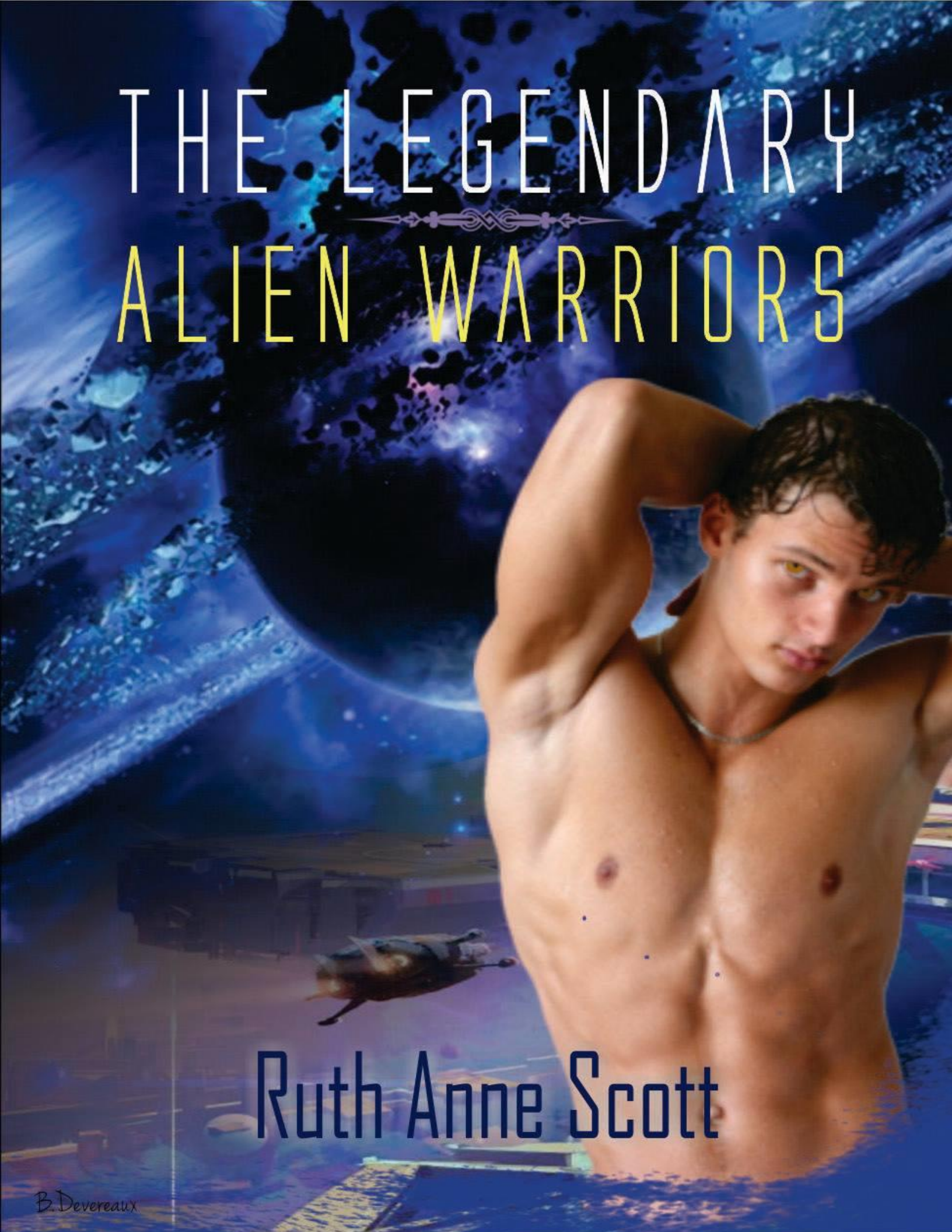




THE LEGENDARY ALIEN WARRIORS

Ruth Anne Scott





Tradutora: Thatiane
Revisora: Goreth
Leitura Final : Carolina
Formatação: Andreia M.



Capítulo Um



Sylan saiu do salão de reuniões e entrou no silêncio do corredor. O silêncio se fechou ao redor dela, quase tangível, enquanto tocava sua pele e parecia afundar-se nela, afirmando o quanto ela havia mudado, em questão de horas.

Quando ela foi transportada, pela primeira vez, para as correntes por Prez, ela acreditava, que tinha chegado ao fim de sua vida.

Esse seria o momento, em que o príncipe, que havia feito a vida dela, cheia de medo e miséria, por tantos anos, acabaria por destruí-la e seguiria em frente com outra nutridora.

Embora ela tivesse medo, do que aconteceria com ela, nos últimos momentos em que iria viver, havia uma parte dela, que sentia alívio, pensando que logo seria libertada do tormento, que definira sua existência, desde que Prez a havia escolhido.

Escolhido. Se tivesse sido qualquer outra situação, quaisquer outras circunstâncias, o pensamento de ser escolhida, teria parecido lisonjeiro.

Ela teria pensado que era uma coisa boa, mesmo uma benção, ter um príncipe, escolhendo-a pessoalmente.

Agora que ela sabia o que isso realmente significava no entanto, o pensamento de que havia acabado, era o único momento de luz que ela sentia, que lembrava-se.

Sua única preocupação no entanto, era com a mulher que seguiria. Parte dela sentiu que deveria tentar continuar, tentar se apegar à vida, apenas para tirar outro dia da sentença, com a próxima mulher que teria que servir.

Quando Jiri a libertou, não parecia real. Ela não sabia o que fazer, ou onde deveria ir. Ryella não esperara, mesmo por um momento.

Assim que suas correntes caíram, ela correu do palácio, nem mesmo voltando para a ala privada do príncipe que ela serviu, para reunir qualquer um dos objetos escassos, que tinha lá antes de partir.

Sylan sabia que Ryella temia que, Sylan estivesse lá quando, ela chegasse ao



seu quarto. Embora o novo rei, tenha libertado as nutridoras e, tecnicamente, as tenha removido do controle dos príncipes, isso não era suficiente.

Sylan sabia disso e as outras nutridoras sabiam também.

Jiri simplesmente comunicou que as mulheres, já não pertenciam a eles e que não podiam capturar outras, para serem suas nutridoras, não passava de enfurecedor.

Isso não impediria os homens, de punir as mulheres, o quanto quisessem, desde que pudessem colocar as mãos sobre elas. Isso tinha paralisado Sytan com medo. Não foi uma resposta que ela não esperaria.

Se lhe tivessem perguntado, como ela reagiria por finalmente ser libertada, liberada do vínculo, e controle de Prez, e lhe permitisse ir onde quisesse, retornando a uma vida, que era apenas sua, Sytan teria dito que, teria ido antes de seu próximo suspiro, que nada a impediria de sair do palácio e fora do alcance de Prez.

Mas então aconteceu. Eamon proclamou seu filho mais novo Rei, e Jiri imediatamente libertou as nutridoras, mas Sytan não fez nada. Ryella porém, correu.

Ela desapareceu do palácio, em questão de minutos, e Sytan sabia que nunca mais a veria. No entanto, Sytan permaneceu.

Ao longo dos anos, um medo tão intenso se instalou nela, fazendo-a reconhecer, que nem sequer tinha controle sobre ela, agora que tinha sido tirada de Prez.

Ao invés de retornar a ela, a capacidade de guiá-la e tomar decisões simplesmente deixara Prez e depois se dissipava no ar a sua volta, não reclamado por nenhuma delas.

Ele não era mais seu dono, ou tinha domínio sobre ela, de acordo com a lei do planeta, mas também, não sentia, como se ela tivesse controle sobre si mesma.

Ela estava aterrorizada com a ideia, de mesmo pisar o salão de reunião e tentar decidir o que fazer a seguir.

Por mais que tentasse, ela não conseguia se lembrar, como era capaz de fazer, o que quisesse, a qualquer momento.





Depois de anos de odiar a sensação de informar, sobre o que fazia a cada momento, e ter até mesmo as suas respirações possuídas e ditas por outro, ela se resignou a isso.

Tornou-se mais fácil, simplesmente acompanhar o que Prez lhe dizia e permitia, que ele a controlasse, como uma máquina, do que lidar com os castigos e a ira, que viriam se ela resistisse, mesmo em uma pequena quantia.

Quando chegou a hora, de não ser parte de sua vida, sentiu-se estranha por não ter outra pessoa estruturando seus dias e guiando seus momentos. Era quase como se ela não soubesse mais o que era viver.

Apesar disso, nada a prepararia para o horror, de ser devolvida às correntes tão rapidamente.

Ryella correu, escapou, colocando tudo atrás dela, sem sequer pensar. Sylan sabia que deveria ter feito o mesmo.

Ela não deveria deixar-se pensar, mesmo por um segundo. Mas o fez, e terminou exatamente como temia que seria, presa à mercê de Prez novamente.

Mesmo assim, ela não sabia o que deveria fazer. Não foi até que ela viu Layla defender Jiri, que algo começou a mudar em Sylan.

Ela sabia que Layla era diferente, desde o primeiro momento em que ela a conheceu.

Não era só que ela fosse humana. Era diferente e isso a separava das outras nutridoras, mas isso não era tudo. Sylan tinha sido capaz de ver algo em Layla, que era diferente de qualquer coisa que já tinha encontrado, nas outras mulheres que vieram.

Sylan estava no palácio, por mais tempo do que qualquer uma das outras e tinha visto a mesma reação em cada uma das mulheres que vieram.

Elas pareceriam processar as mesmas emoções e respostas, e todas as vezes, ela fazia o melhor possível, para facilitar suas novas rotinas.

Nunca lhe ocorreu tentar confortá-las ou tranquilizá-las, de que haveria algo mais, para suas existências, do que ela sabia que havia, e ao longo do tempo, seu procedimento com elas, tornou-se cada vez mais superficial, como sua própria conexão com ela mesma, desaparecendo.

Então Layla veio.



Ela entrou na sua existência, da mesma forma que as outras fizeram, e com exceção da intriga que foi causada, por saber que ela era escolhida da Terra, Sytan não tinha nenhuma expectativa, de que ela seria diferente de Ryella e as outras, que ela tinha sido responsável por instalar no palácio.

Assim que a conheceu, ela sentiu um formigamento na parte de trás do pescoço, dizendo-lhe que essa mulher mudaria as coisas.

Ela não se ajustou ao seu papel com facilidade. Causou-lhe turbulência. No entanto, não foi uma inquietação que ocorreu imediatamente.

Em vez disso, ela simplesmente desaparecia na ala do palácio de Jiri e não era vista novamente. Não parecia certo. Layla devia ter sido algo mais.

Era esse conhecimento, aquela voz na parte de trás da mente de Sytan, que lhe dizia que Layla não era assim, parecia atravessar a névoa, que pendurava sobre ela e a convencia, de que ela não poderia simplesmente aceitar isso, como seu destino.

Embora não houvesse nada que pudesse fazer, de sua posição acorrentada contra a parede, ela não podia simplesmente desistir e voltar para Prez.

Sua mão veio envolver em torno de um de seus pulsos, atravessando a pele, onde era quase como se ela ainda pudesse sentir o metal frio contra eles. Nunca mais.

Ela nunca mais se deixaria articular. A extensão aberta em seu peito, agora desprovida da pedra que a amarrava, provou isso.

Ela nunca mais iria apenas aceitar, o que estava à frente dela e não lutar para se proteger. Isso não significava que ela não tivesse medo.

Na verdade, enquanto ela estava no corredor vazio, tentando decidir o que deveria fazer a seguir, sentiu um medo profundo, mais do que se lembrava sentir. Isso foi além da única preocupação, de que Prez a encontraria e que experimentaria a crueldade, que ela conhecia, fluindo por suas veias e definindo todas as ações, que ele tomou contra ela.

O medo não era mais apenas para seu corpo, mas para a mente dela, e para a pessoa que ela sabia que era uma vez, e esperava que ainda estivesse em algum lugar, dentro dela.



Atrás dela, ela ouviu a porta do salão de reunião abrir e olhou por cima do ombro, para ver Eamon vir em sua direção.

O antigo Rei, parecia lisonjeiro e suplicante, como se estivesse desesperado, para se conectar com ela e corrigir o que ela passou.

Sylan resistiu à compulsão de sentir raiva e até amargura por ele. Ela queria pensar, que ele não sabia o que estava acontecendo, atrás das portas fechadas das alas privadas de seus filhos, mas sabia que não era esse o caso.

Ele confirmou, que não só sabia o que as mulheres passavam, mas ele próprio, colocou suas próprias nutridoras, através do mesmo tipo de tratamento, antes de conhecer Jessamine e se apaixonar por ela.

Segurando essas emoções negativas, porém, não faria nada de bom. Eamon explicou-se e fez o que podia, para se desculpar. Perdoá-lo e escolher seguir em frente, seria a única maneira, que qualquer um deles, poderia começar a curar-se.

- Você está bem, Sytan? - perguntou Eamon. Sytan deu uma risada curta e sem graça.

- Eu realmente não sei como responder a isso, Rei. - ela respondeu.

- Eu não sou mais o rei. - disse Eamon, dando mais um passo para ela. - Jiri é rei, agora. Ele é o único que a libertou.

Ele estava dizendo isso, em uma voz lenta e cuidadosa, que fazia a pele de Sytan arrepiar.

Era como se ele pensasse, que não entenderia as palavras simples que ele dizia, como se os anos em cativeiro, tivessem removido tudo sobre ela, que fosse funcional. Ela assentiu.

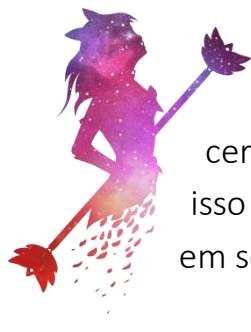
- Estou ciente. - disse ela. - Ele me libertou duas vezes, se me lembro corretamente. - ela hesitou. - Bem, na verdade ele me libertou uma vez e depois Layla me libertou pela segunda vez.

- Ela será uma rainha poderosa.

Sylan não queria ficar nesse caminho de conversação por mais tempo.

Era demais para conciliar naquele momento, e como ela não pretendia estar no palácio, mais do que tinha que fazer, não importava tanto para ela, quem estaria no poder.

Contanto que essas pessoas mantivessem a palavra de Jiri e tivessem



certeza que nenhuma nutridora fosse maltratada novamente, isso era tudo que importava para ela. Fingir que haveria mais, em seu relacionamento com Layla era inútil.

Elas sempre foram diferentes e agora eles estariam em lados completamente opostos. Era melhor se elas simplesmente se separassem e se esquecessem, como se nunca tivessem atravessado o caminho uma da outra.

- Não sei onde devo ir, a partir daqui. - admitiu Sytan.

- Onde quer que você goste. - Sytan olhou em volta.

- Eu não sei nada sobre o palácio, só as áreas, onde Prez me teve. O lugar onde sempre dormi é o mais próximo de uma casa que conheci, desde que fui trazida aqui.

- Você quer voltar lá?

Sytan hesitou. Ela não sabia se queria voltar lá. Era verdade, que aquele era o lugar dentro do palácio que ela conhecia melhor, mas tinha medo de voltar.

Prez poderia estar lá e ela não queria voltar a encará-lo.

Mesmo que ela soubesse que ele não estava lá, ela odiava, o que esse quarto representava.

Embora ela estivesse agora livre, esse quarto sempre representaria seu cativeiro.

- Eu realmente não sei. - disse ela. - Eu acho que esse seria o melhor lugar para eu ir.

- Eu irei com você. - ofereceu Eamon. - Eu vou verificar, para garantir que o Prez não esteja lá e que você esteja segura.

Sytan concordou com a cabeça e eles foram pelos corredores, em direção à ala do palácio de Prez.

Assim como sempre acontecia, um arrepio se instalou sobre ela, quando atravessou a porta e entrou na série de quartos, mas manteve o queixo erguido e os olhos se concentraram em frente.

Mesmo que o príncipe não estivesse a vista, isso era um sinal de desafio, uma recusa, em lançar os olhos para baixo e baixar a cabeça do jeito que costumava, quando entrava nesse espaço.

Eles caminharam para a sala onde ela dormia e Eamon entrou primeiro. Ele circundou o espaço, verificando-o com atenção, depois fez um gesto, para que ela



entrasse.

- Está vazio. - disse ele. - Depois do que aconteceu no salão de reuniões, ficaria surpreso se Prez estivesse no palácio esta noite. Ele gostaria de estar tão longe de Jiri, quanto pudesse ser.

Sylan podia ver outra coisa nos olhos de Eamon, mas ele não estava dizendo nada. Ela entrou no quarto e acenou com a cabeça para ele.

- Obrigada. - disse ela.

- Durma bem.

O ex-rei se afastou, fechando a porta atrás de si, deixando Sytan sozinha na sala vazia e silenciosa.

Quando ela não conseguiu mais ouvir seus passos, Sytan virou-se lentamente, olhando ao redor da sala com novos olhos.

Fazia tanto tempo que tinha vindo aqui pela primeira vez e a sala mudara dramaticamente desde então.

Agora era uma casca e ela sentia, quase como se ela fosse uma visitante, que existia apenas na borda do espaço, em vez de realmente ser parte disso.

Ela não sabia por quanto tempo ela estava parada lá, quando ouviu passos aproximando-se da porta.

O medo atravessou Sytan. Embora Eamon tenha dito, que não achava que Prez voltaria para o palácio naquela noite, não havia garantias, de que ele estivesse certo.

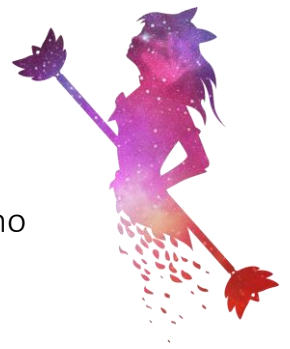
Mesmo sem a pedra da estrela em seu peito, Prez sentia que ele era dono dela e que ainda deveria estar no controle total dela.

Não havia nada, além de seu próprio orgulho e ódio por seu irmão, para evitar que ele voltasse e tentasse levá-la a sua posse novamente.

Sentia-se incrivelmente sozinha e exposta, totalmente vulnerável, a qualquer coisa que desejasse fazer, logo que entrou na sala e percebeu que ela estava lá sozinha.

Sylan olhou em volta, considerando esconder-se, como se isso de alguma forma, impedisse Prez de encontrá-la.

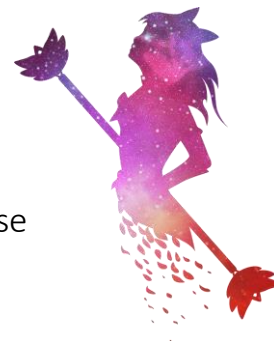
Ela sabia, no entanto, que mesmo que não fosse prontamente visível, assim que ele entrasse, a procuraria até que a encontrasse e isso só o tornaria





mais irritado.

Ela decidiu, que não havia nenhum propósito em se esconder. Isso não lhe proporcionaria nenhum benefício. Em vez disso, ela iria precisar enfrentá-lo.



Sylan alcançou um pedaço de madeira há muito tempo quebrada, do quadro de uma peça de mobiliário.

Sua mão enrolada em torno dela e segurou-a com a extremidade pontilhada de frente para a porta.

Tudo o que ela precisava fazer, era mantê-lo afastado dela, por tempo suficiente para poder passar por ele e sair, então ela poderia voltar para a sala de reuniões e a segurança das pessoas lá.

Os passos pararam na frente da porta e ela ouviu o som da trava se abrir.

Ela levantou o pedaço de madeira acima de sua cabeça, seu coração batendo e seu corpo tremendo, mas seu olhar fixo, com determinação na porta à frente dela.

A porta se abriu e ela deu alguns passos, correndo em direção a ele, mas parou quando viu a figura entrar.

O pedaço de madeira baixou para o lado dela e sentiu que o golpe de seu coração aumentava, mas com um ritmo diferente.

Seu estômago revirou e a respiração escorrera de seus pulmões, quando seus olhos se encontraram, com o olhar cintilante, do tremendo guerreiro que a tinha varrido para dentro do salão de reunião.



Capítulo Dois



Ashling parou na entrada, quando viu Sytan vir em sua direção com o grande pedaço de madeira sobre a cabeça.

Ele podia ver o medo em seus olhos e se sentiu horrível, por surpreendê-la, entrando em seu quarto sem se anunciar.

Ela já havia experimentado o suficiente e ele não queria pensar, que tinha piorado para sua situação. Essa era realmente a última coisa que ele queria fazer.

Ele queria estender a mão para ela, levá-la em seus braços e buscá-la novamente, para que assegurar-se que ela estaria segura.

Ele sabia que, quando o olhava, podia ver o cintilar nos seus olhos, que começara a aparecer, antes de partir para este planeta.

Era algo que ele estava antecipando, mas não totalmente preparado para lidar.

Nos dois dias anteriores à chegada de Malan ao complexo, Ashling percebeu que algo estava mudando profundamente nele.

A agressão que nasceu nos guerreiros de *Denynso* atingiu um nível muito mais alto, fazendo com que ele atacasse qualquer pessoa que se aproximasse dele.

Tornou-se indiscriminadamente violento e irritado, atacando um de seus irmãos e evitando os outros.

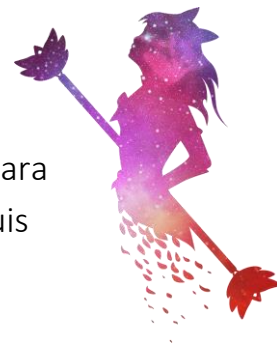
Além desse tipo de raiva e agressão, no entanto, ele estava experimentando sintomas, que eram muito mais incomuns e que dizia exatamente o que ele estava passando.

A tensão baixa em sua barriga, apertando seu estômago o tempo todo, sinalizou uma excitação poderosa, que era diferente de qualquer coisa que ele já havia experimentado.

Não era dirigido a nenhuma das mulheres que viviam no complexo *Denynso*, e de fato, elas foram repelidas por ele. Isso disse a Ashling, que havia apenas uma coisa em que ele poderia estar passando ... ele logo conheceria o seu destino.



- Me desculpe. - disse ele, levantando uma mão para tranquilizá-la de que não queria prejudicar. - Eu não quis assustá-la.



Ela assentiu com a cabeça, mas ainda podia ver o medo no rosto e hesitação em sua posição.

O pedaço de madeira estava ao seu lado agora, em vez de alto, acima de sua cabeça, mas ela ainda estava agarrando-o como se lhe desse conforto e tranquilidade, apenas em suas mãos.

Ele se aproximou com cuidado, sem tirar os olhos de seu belo rosto.

Os sentimentos dentro dele tornaram-se mais fortes, apenas afirmando-lhe o que ele já sabia, que esta mulher era a companheira que tinha sido criada para ele, destinada a ele, desde o momento do nascimento.

Isso não era o que ele jamais esperaria, e a percepção, de que essa pequena mulher, de uma espécie que, até Malan, não sabia que existia, era a companheira que estava esperando encontrar a vida inteira, era um pouco desconcertante.

Ele não sabia nada sobre ela ou como ele deveria prosseguir com ela.

Ele se aproximou dela e pegou o pedaço de madeira em suas mãos. Tomando o pulso com cuidado, ele levantou o braço e aliviou a arma improvisada de seu aperto.

Ela resistiu por alguns instantes e Ashling pressionou a ponta dos dedos ligeiramente mais forte, na parte inferior do pulso, esperando que a pressão lhe desse confiança, mostrando que ele estava lá para protegê-la e ajudá-la, em vez de ameaçá-la de qualquer maneira.

Finalmente, ele sentiu seu aperto liberar e Ashling tirou a madeira dela, abaixando-a lentamente para o chão, de modo que não fez barulho quando caiu.

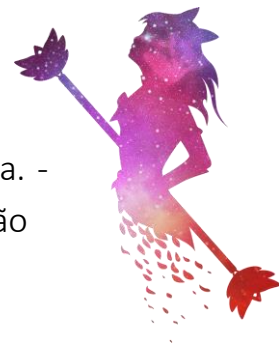
- Obrigada. - disse ela calmamente.

- Pelo quê? - Ele perguntou.

- Por salvar-me.

Ashling sorriu e pegou suas duas mãos nas dele, impressionado com o quanto elas eram pequenas e frágeis, se sentiam presas nas palmas das mãos.

- Meu nome é Ashling. - disse ele. - Eu queria vir verificar você e ter certeza, de que você estava bem. Fiquei surpreso com o fato de Eamon deixá-la aqui sozinha.



- Estou bem. - disse ela. Ela suspirou e olhou em volta. -
Pelo menos, eu estarei. Suponho que, Eamon realmente não
sabia o que mais ele poderia fazer. Foi aqui que eu vivi, desde
que cheguei aqui. A menos que eu saia do palácio esta noite,
não há mais nenhum outro lugar para eu ir .

Ashling inclinou a cabeça, para poder olhar para o rosto dela.

- Qual o seu nome? - Perguntou ele.

Ela olhou para ele, com um véu de emoção diferente em seus olhos. Era
algo parecido com a surpresa, como se ela não esperasse que ele lhe perguntasse
algo assim, que ele se importaria com algo tão pequeno quanto seu nome.

Ela balbuciou por um momento, soando como se estivesse tendo
dificuldade em trazer seu nome para seus lábios.

- Sylan. - ela finalmente disse. - Meu nome é Sylan. - Ashling deu um
pequeno sorriso.

- É um prazer conhecê-la. - Ele se endireitou e olhou ao redor do espaço. -
Esta é a sua casa? - Perguntou.

Sylan balançou a cabeça.

- Não. - disse ela. - Não é minha casa. É exatamente onde eu morava e
dormia. É mais uma prisão, do que qualquer coisa.

Ashling começou a caminhar ao redor da sala, vendo pelo canto de seus
olhos, que Sylan tinha seguido um pouco atrás dele e estava caminhando com ele.

Ele estava horrorizado com o que estava vendo, passando um momento
difícil, acreditando que esse lugar, era tudo o que ela sabia, como deveria ser
confortável e seguro, o tempo todo em que ela havia passado no palácio com o
príncipe.

O espaço parecia que era uma vez belo e decorado com luxúria, mas que
tinha sido derrubado e esfarrapado ao longo dos anos.

Ashling não queria deixar sua mente viajar para o que poderia ter sido a
força que causou esse dano.

Isso levaria força muito além do que essa mulher teria dentro dela, para
destruir os enormes móveis e rasgar as cortinas grossas e pesadas, que uma vez
adornaram luxuosamente as janelas, mas agora pendiam de insignificância.

- Há quanto tempo você está aqui, Sylan? - Ele perguntou.



Ela esperou por um momento, então balançou a cabeça.

- Eu nem sei realmente. - disse ela. - Quando eu cheguei pela primeira vez, fiquei atenta aos dias que passaram, mas depois de um tempo, havia coisas demais para pensar, em me preocupar em prestar atenção a quantas noites passavam. Logo perdi os vestígios completamente.

- O que mais você estava pensando? - ele perguntou.

- Sobrevivência. - disse ela simplesmente.

O olhar em seus olhos, disse a Ashling que havia momentos em que aquela sobrevivência, era muito mais instintiva, do que um desejo verdadeiro e ele sentiu uma poderosa compulsão para protegê-la, defendê-la e garantir que ela nunca mais se sentisse dessa maneira.

- De onde você veio? - ele perguntou.

Ela o olhou brevemente e depois voltou para a cama desarrumada e o manto rachado na frente dela.

- Uma aldeia. - disse ela. - Prez me escolheu depois de me ver numa feira.

- Você vai voltar lá agora que você foi libertada?

Sylan ficou quieta por vários longos segundos, como se estivesse contemplando o que ele havia perguntado, agora que tinha uma escolha. Finalmente, viu os ombros dela mais baixos.

- Eu não sei exatamente quanto tempo eu estive aqui, mas sei que já estive o suficiente para fazer parte dos três principados mais novos, além de induzir as novas nutridoras a substituí-las que estavam esgotadas. Isso deve ser vários anos. Até agora, não sei o que a família que deixei para trás pensa, no que aconteceu comigo. Eles nem sequer pensam em mim.

Ashling sacudiu a cabeça.

- Não. - disse ele. - Isso não é possível. Ninguém que já tenha conhecido você, poderia simplesmente colocá-la atrás deles. Uma vez que eles tiveram você em suas vidas, eles a tem em seus corações para sempre.

Sylan se virou e olhou para ele, e Ashling preocupou-se que ele pudesse ter falado demais.

Ela não entendia o que ele estava sentindo por ela, ou o que ele já sabia sobre eles. Seus olhos se encontraram e viu a sugestão de um sorriso tocar seus



lábios, antes de se virar e começar a explorar a outra metade da sala.



Era como se ela estivesse, parcialmente dando-lhe um passeio pelo seu espaço e parcialmente vendo isso por si mesma, através de sua nova perspectiva.

- No dia em que fui levada, eu estava na feira comemorando o casamento do meu irmão. Acabava de provar alguma comida incrível, algo que nunca tinha tido antes, e estava planejando comprar flores para trazer a cerimônia no dia seguinte. Havia um vendedor, que cultivava suas mercadorias em alguns dos campos atrás da nossa aldeia e passava uma grande quantidade de tempo com ele quando era mais jovem, aprendendo sobre os diferentes tipos de flores que ele cultivava. Eu sabia que queria comprar as flores para o casamento dele, e era ideal que ele estava planejando estar na feira naquela tarde. Os outros decidiram voltar ao stand para pegar outro lanche e eu fui para as flores sozinha. Não era incomum. Essa feira vinha à aldeia todos os anos e não era atípico para mim visitá-la sozinha. Além disso, eu estava comprando na aldeia por mim mesma, há algum tempo. Ninguém teria pensado nada estranho ou perigoso, sobre eu me afastando deles. Nenhum de nós pensamos que seria a última vez que nos víamos.

- O que aconteceu? - Ashling perguntou.

Sylan balançou a cabeça.

- Eu não lembro. Havia tantos acontecimentos na feira. Tanto para ver e uma das poucas vezes no ano, em que todos na aldeia se juntavam no mesmo lugar, o que significava ver amigos e vizinhos com os quais, não nos socializávamos com tanta frequência.

Isso surpreendeu Ashling. Ele não podia imaginar, não ver as pessoas que viviam no complexo, quase todos os dias.

Embora houvesse momentos, em que os idosos e algumas das mulheres, não viessem ao salão de banquetes para refeições, ou ficassem longe dos encontros, por causa de responsabilidades que deveriam cumprir, a maioria dos *Denynso* se juntavam todos os dias, vinculados pela lealdade e dever, que nasceu em sua espécie.

- Você não via as pessoas que vivem em sua aldeia? - perguntou.



- A aldeia se espalhou por uma grande seção do planeta. -

Sylan disse a ele.

- A maioria de nós tem papéis muito particulares dentro da aldeia, o que significa, que estamos focados nesses papéis a maior parte do tempo. Alguns devem percorrer o resto do planeta, para reunir alimentos e outros materiais, e outros têm empregos que os mantêm, na maioria das vezes. Não é tão fácil juntar-se. É por isso, que a feira sempre foi tão antecipada. Foi um tempo de alegria e descanso. Em vez de trabalhar o tempo todo, tivemos alguns dias de trivialidade e diversão. Foi por isso, que levou mais tempo para chegar ao vendedor de flores, do que deveria. Eu não fui direto para lá, em vez disso, passei pelas cabines e passei o tempo conversando com as pessoas que vi. Eu pensei, que os outros poderiam me alcançar, quando eu chegasse às flores, mas nunca fizeram. Passei alguns minutos conversando com o vendedor de flores e ele me ajudou a escolher as flores, que achava que seriam perfeitas para o casamento. Eu as tive todas em meus braços...

Sua voz se apagou e Ashling esperou por alguns instantes, mas ela não continuou.

- E então, o que aconteceu? - ele perguntou. Ela suspirou.

- Eu não sei. - ela respondeu. - Isso é tudo que eu lembro, até logo antes da cerimônia de reivindicação, quando Prez me levou como sua nutridora.

- Mas isso significa que você tem família. Você tem amigos. Você tem vizinhos. Há pessoas além do palácio que se importam com você. Eles devem ter saudade de você, todo esse tempo e se perguntam o que aconteceu com você. Você não acha que eles gostariam de ter você de volta?

- Essa é a coisa. - disse Sylan. - Eles se preocuparam comigo tenho certeza, que eles sentiram a minha falta, mas eles também devem ter se perguntado se eu tinha acabado de sair. Talvez eles pensem que algo aconteceu e eu simplesmente não queria mais ser parte deles, então eu fui embora.

- Você realmente acha, que eles acreditariam nisso?

- Eu não sei. Mesmo que não o fizessem, mesmo que não sentissem isso e pensassem, que algo poderia ter acontecido comigo, já faz tanto tempo. Não conheço nada do que acontece fora do palácio, desde que fui trazida aqui. Eu nem sei se a aldeia ainda está lá, ou o que poderia ter vindo das pessoas que conheci e



amei. Pode não haver mais um lugar para mim.

As palavras trouxeram uma tristeza profunda ao peito de Ashling. Ele odiava que ela pensasse que, mesmo por um momento, ninguém a queria, nem que não havia vida para ela, além do tormento e tortura que definira sua existência.

Ele sabia em seu coração, que seu verdadeiro lugar estava com ele.

Cada guerreiro *Denynso*, nascia com a companheira pretendida, já planejada para ele. Se essa mulher já tivesse nascido, ou não estivesse no mundo, por muitos anos, de alguma forma, o Universo já as marcava, como a mulher, que um dia seria sua companheira.

Esta não era apenas a mulher que eles amariam ou a mulher, com quem um dia construiria uma família. Em vez disso, essa era a mulher, cuja própria alma, foi costurada na dele.

Ela era a única mulher que o guerreiro sempre amaria, e uma vez que estivessem ligados, eles estavam inregulavelmente juntos. Para o resto de sua vida, o guerreiro seria completamente e totalmente comprometido e devotado a sua companheira.

Se houvesse um tempo, em que aquela mulher não fosse mais parte de sua vida, não levaria a intensidade do amor do guerreiro por ela. Ele continuaria a dor e ansiaria por ela, e nunca teria outro amor.

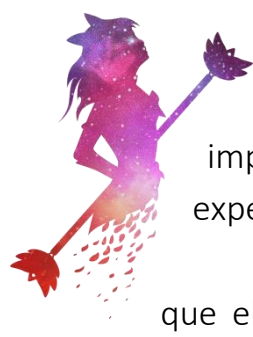
Embora ainda não tenham completado seu vínculo, Ashling sabia que, agora que encontrou Sytan, seu futuro foi definido. Ela estava gravada em seu coração e sua mente agora, e não havia nada que mudasse isso.

Os sentimentos de agressão, raiva e intensa excitação, que ele experimentou, desde alguns dias, antes da chegada de Malan em seu planeta natal de Uoria, tinham sua mente preparando-o para conhecê-la e também diminuindo as chances, de que houvesse qualquer outro guerreiro ou, ainda menos provável, qualquer mulher que tentasse entrar no caminho de ambos.

Agora que ele a encontrou, Ashling não poderia parar de persegui-la. Ele a desejava, com maior profundidade e paixão, do que jamais teria imaginado que experimentaria.

Embora fosse algo que todos os guerreiros sabiam que acontecia em algum momento de suas vidas e que seria poderoso e intenso quando o fizesse, era





impossível preparar verdadeiramente outras pessoas para a experiência.



Não havia como descrever o sentimento ou o impacto que ele fazia, e ele sabia que, mesmo que tentasse dizer a outro guerreiro, o que eles iriam passar quando encontrassem sua companheira, ele ficaria aquém de incorporá-lo adequadamente.

Embora os sinais de seu crescente amor por Sylan fossem inegáveis, Ashling não sabia o que deveria fazer sobre isso.

Se ela fosse uma mulher *Denynso*, seria muito mais simples. Ela saberia imediatamente o que estava acontecendo, e ela teria sua própria força para ele.

Eles se reuniram rápido e facilmente, quando o tempo estivesse certo, sem dúvida ou hesitação. Mas Sylan não era uma mulher *Denynso*.

Ela não entendia o conceito, do vínculo ou o poderoso elo que eles teriam e depois de tudo o que ela havia passado, ele não sabia se ela iria querer.

O que ela sofreu, pode mantê-la sempre desejando experimentar esse nível de conexão e vínculo com outra pessoa.

Isso exigia uma confiança e compromisso que ela nunca poderia dar a alguém, particularmente alguém que ela nunca viu, de uma espécie que não conhecia.

Tudo o que Ashling poderia fazer, era mostrar-lhe o amor que ele tinha dentro de si para ela e esperar que, mesmo que nunca pudesse devolver esse amor, ele conseguiria orientá-la para uma vida, onde ela estava segura e feliz.

Ele voltou a olhar ao redor da sala e tocou a ponta do maxilar.

- Há alguma coisa nesta sala que você queira ter com você? - ele perguntou.

- Algo que é seu e você não quer deixar para trás?

Sylan olhou em volta como ele o tinha feito.

- Minhas roupas. - disse ela. - Mas isso é tudo. Não há nada mais aqui que me pertence.

- Reúna-os. - disse Ashling.

Ele observou, enquanto Sylan atravessava o grande mobiliário do outro lado da sala e abriu as portas duplas.

Ashling percebeu que uma das pernas estava quebrada, fazendo com que o baú inclinasse, e uma das portas pendesse de uma dobradiça quebrada.



Ela tirou algumas roupas do baú, então pensou um pouco e caminhou em direção à penteadeira quase destruída na parede oposta. Ela pegou uma escova de cabelo e virou-se para ele.

- Tudo bem. - disse ela. - Isso é tudo.

- Venha comigo. - disse ele, caminhando na direção da porta da sala. Sytan seguiu-o enquanto ele a conduzia pelo corredor, para fora da ala do príncipe.

Quando chegaram à porta, Ashling olhou para ela.

- Você está pronta? - perguntou. - Você nunca mais terá que ver esse lugar se você escolher sair. Você quer dizer adeus para isso?

Sytan balançou a cabeça.

- Não. - disse ela. - Eu não quero dizer adeus. Eu nunca mais quero ver nada disso mais uma vez. Estou pronta.

Ashling abriu a porta e gesticulou para ela passar, querendo permitir que ela passasse primeiro, de modo que, mesmo que ela adivinhasse e olhasse pelo ombro dela, não veria a ala onde ela passou a vida, mas ele estava atrás dela, bloqueando-a de tudo o que aconteceu no passado.

Eles caminharam em silêncio e Ashling a trouxe de volta a sala de reuniões, esperando que Eamon ainda estivesse lá.

Embora ele soubesse que, era Jiri quem era o Rei do planeta, ele sentiu que precisava dar a Eamon, a chance de se redimir por deixar Sytan sozinha naquele lugar horrível.

A crueldade que já estava construindo nele, ficaria mais forte, quanto mais demorasse para ele completar seu vínculo com Sytan, a menos que ele pudesse se convencer de que nunca se entregaria a ele dessa maneira e, em vez disso, se comprometesse a ser seu guardião e protetor de toda a vida.

Essa era uma decisão dolorosa e difícil para qualquer guerreiro *Denynso*, mas a única opção verdadeira para um homem, cuja companheira pretendida, não se apaixonasse por ele ou optasse por deixá-lo.

Até que qualquer opção acontecesse, no entanto, ele só se intensificaria nos sinais, tornando cada vez mais difícil para ele se controlar.

Ele precisava dar a si mesmo, a oportunidade de fazer as pazes com Eamon, antes que seus sentimentos para o outro homem se tornassem severas.



Eles entraram no salão de reuniões e Ashling observou a sala, aliviado quando viu o ex-rei parado, ainda cercado pela maioria dos outros que haviam estado na sala durante o horrível choque.

Ele caminhou para ele e esperou até que Eamon o percebesse.

- Sim, Ashling?

- Senhor, posso falar com você? - perguntou ele.

Eamon assentiu e afastou-se dos outros. Ashling olhou para Sylan e voltou para o ex-rei.

- Eu não acho que Sylan deveria estar naquele lugar -disse ele. - Eu fui até ela para, ter certeza de que ela estava indo bem, e fiquei horrorizado com as condições que ... - Ashling hesitou, querendo dizer que você a deixou, mas também sabendo, que ele precisava reinar de volta, se ele fosse evitar conflitos, entre as duas espécies que estavam começando a se conhecer. - ... Ela estava durante o seu cativeiro. Eu não sei se você se aventurou nas alas privadas de qualquer um de seus filhos, para ver o que eles permitiam fazer, na sala de estar, para suas nutridoras, mas o que eu vi, foi deplorável. Sylan ... e as outras mulheres ... não deveriam estar sujeitas a isso. Não é apenas a condição dos quartos. É o que eles representam e o que eles fazem, a cada uma dessas mulheres pensar e experimentar, cada vez que elas entram. Elas não deveriam ter que permanecer no mesmo lugar onde foram presas. Elas não são mais propriedade dos príncipes, e elas não devem ter que sentir como se fossem.

Eamon olhou para Ashling por um longo momento e depois respirou fundo.

- Eu concordo. - disse ele. - Se as mulheres não querem voltar para os quartos, nos aposentos dos príncipes, vou encontrar um lugar para elas em outra área do palácio, para que elas estejam seguras e confortáveis, até serem capazes de retornar às suas casas originais.

- Elas são bem-vindas para ter quartos na ala onde estamos hospedados. - ofereceu Malan.

- Há muito espaço lá, e nós poderemos mantê-las vigilantes.

- Obrigado, Malan. - respondeu Eamon. Ele olhou para Sylan.

- Se você estiver pronta, posso levar você agora.

Sylan assentiu e depois olhou para as outras mulheres, que ainda estavam



reunidas nervosamente para um lado.

- Me dê um momento para conversar com as outras mulheres. - disse ela.



Ashling observou enquanto se aproximava das outras ex-nutridoras e falava com elas, num tom muito baixo, para ele ouvir as palavras que ela estava dizendo.

Depois de alguns momentos, ela voltou e liderou o grupo em direção a eles.

- Estou feliz em escoltá-las. - ele ofereceu.

- Se você preferir ficar aqui.

- Eu apreciaria isso. - disse Eamon.

- Há muito para discutir.

- Ashling, tire uma soneca assim que as instalar. - Malan disse.

- Teremos muito para conversar sobre o amanhã e todos nós precisaremos estar com muita energia possível. Deixe os outros saberem que estão liberados para a noite.

- Eu vou. - disse Ashling.

Ashling conduziu propositalmente cada uma das outras mulheres nos outros quartos primeiro, de modo que ele pudesse passar mais alguns momentos sozinho com Sytan.

Quando as outras mulheres se instalaram em seus quartos e fecharam as portas com alívio atrás delas, ele dirigiu Sytan em direção à porta no extremo mais distante do corredor e a abriu para ela.

- Espero que você fique mais confortável aqui. - disse ele.

Sytan entrou na sala, ele a ouviu ofegar. Ele seguiu atrás dela e a viu olhando ao redor do luxuoso e lindo ambiente, com uma expressão de admiração em seus olhos.

Quase duas vezes o tamanho da sala em que dormiu no recinto de Prez, a sala estava cheia de móveis sofisticados e decorações elaboradas, projetadas para impressionar e receber convidados do palácio.

Pela condição perfeita da sala, Ashling assumiu que o palácio raramente, se alguma vez, hospedava convidados. Havia algo reconfortante, no entanto, na ideia de que ela poderia ser a primeira pessoa a usar essa sala encantadora.

Depois de tudo o que ela tinha passado com Prez, ela merecia a beleza e o



luxo que este quarto oferecia e Ashling gostou de pensar que ela seria a primeira a apreciá-la.



- É maravilhoso. - ela disse, sua voz baixa e suave, como se ela não quisesse falar muito alto, por medo, de que tudo desapareceria se o fizesse.

Ela se virou e olhou para Ashling, ele sentiu seus dedos se curvarem, com o desejo de acariciar sua bochecha. Resistiu ao impulso, não querendo avançar demais e assustá-la.

- Durma bem. - disse ele em vez disso.

Ela deu um sorriso suave, mas ele podia ver um olhar distante em seus olhos, que segurava uma emoção que ele não conseguia definir.

- Você também. - respondeu ela.

Ashling sabia que deveria se virar e sair da sala, mas não conseguiu se mover.

Queria estar perto dela. Queria poder olhar para ela e respirar a presença dela.

Ele esperou por toda a vida para encontrá-la, e mesmo que ainda não compreendesse o significado que ela reportava à sua vida, ele não queria perder nem um segundo, que pudesse estar perto dela.

- Se há algo que você precise... - disse-lhe, dando um passo quase imperceptível em sua direção.

- O quarto onde eu estou ficando fica ao lado.

- Você escolheu esse quarto para mim por esse motivo? - perguntou ela.

Ashling ficou um pouco surpreso com a pergunta franca, mas ele assentiu.

- Eu fiz. - ele admitiu.

- Eu queria me certificar de que eu estava perto de você no caso ...

Sylan deu um pequeno passo em direção a ele, aproximando-se dele tão ligeiramente, que quase não se moveu.

- No caso? - ela perguntou.

- Se houvesse algo que eu pudesse fazer por você.

Seus lábios cheios e suaves curvaram-se em um pequeno sorriso e ela recuou.



- Boa noite, Ashling.

Seu coração batendo tão forte, que ele podia sentir na garganta, Ashling ajustou seus ombros e deu um passo atrás, em direção à porta.

-Boa noite, Sylan.





Capítulo 3



- Você tem que dormir um pouco. - disse Jessamine, enquanto observava o ritmo de Eamon, de um lado para outro.

- Você ouviu o que Malan disse.

Seu marido virou-se e olhou para ela.

- Não preciso que você repita o que ele falou.

- Não há necessidade de você me tratar assim. - disse ela.

- Eu não fiz nada de errado. Eu lhe disse, desde que nos casamos que se você não interrompesse essa brutalidade, o planeta enfrentaria terríveis consequências.

Sua voz era forte e inabalável. Ela nunca sentiu medo em relação o Eamon, que ela tinha visto nas outras nutridoras, e quanto mais tempo eles eram casados, mais segura sentira em sua igualdade.

Não havia necessidade de ela esconder suas emoções dele, nem tentar suavizá-las para apaziguá-lo.

Especialmente quando se tratava do assunto das nutridoras.

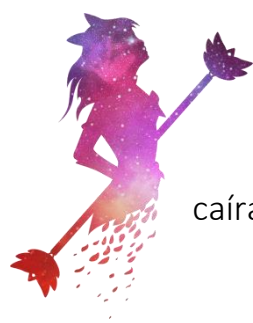
Ela nunca escondeu como se sentia sobre a tradição atual de capturar mulheres e permitir que fossem usadas pelos príncipes.

Embora Eamon lhe tivesse explicado, por que não conseguia acabar com a tradição, nem mesmo controlar as ações de seus filhos, Jessamine nunca aceitou isso.

A realidade do que aquelas mulheres atravessaram, penetrou profundamente nela e ela estava dolorosamente consciente de seu sofrimento.

Ela desprezou o pensamento de que, como rainha, vivia uma vida de luxo e controle, mas não conseguia fazer nada, para cuidar das nutridoras que estavam perdendo nas alas de seus filhos.

Ela estava simultaneamente grata por Jiri e a incrível mudança que seu filho mais novo havia trazido para o planeta, e agora que sabia que as nutridoras eram libertadas, não havia nada que a impedisse de protegê-los agora e no futuro.



Suas palavras pareciam cortar Eamon e seus ombros caíram.

- Como eu cheguei aqui, Jessamine? - perguntou ele.

- Como eu pude falhar tanto como rei?

- Você não falhou. - disse ela, arrependendo-se da dureza que usara contra ele.

Ela sabia que seu marido estava passando por um momento difícil e precisaria de seu apoio, enquanto navegava pelos desafios à frente deles.

- Você tratou o que foi colocado na sua frente da melhor maneira que você sabia. Eu só queria que não chegasse a isso.

- Nem eu. - disse ele, sentando-se ao lado dela no limite da cama.

O resto do palácio ficou quieto e ela se perguntou se eles eram os únicos que ainda estavam acordados.

Passaram-se horas, desde que deixaram o salão de reuniões e faltava pouco tempo até que o sol surgisse e eles teriam outro dia para tentar encontrar a solução adequada para a situação, que estava crescendo ao seu redor.

- O *Kintani* manteve a comunicação aberta entre nossos planetas, para que pudéssemos chegar até eles se precisássemos. Você ouviu o que disseram. Eles temiam que enfrentássemos esse tipo de perigo em algum momento. Devemos agradecer que eles estejam aqui para ajudar.

- Estou grato. - disse Eamon.

- Mas isso não muda a dificuldade de saber que tudo o que eu tentei fazer como rei e todo o trabalho que fiz para proteger nosso planeta e preservar-nos como nosso próprio tipo, está em risco. O que pode ser pior, porém, é saber que aquele que está ameaçando tudo, aquele que eu devo defender com a única missão de derrotar, é meu filho.

Jessamine levantou-se e chegou à cabeceira da cama. Ela dobrou o cobertor e voltou ao pé da cama, enfiando a mão sob o braço do marido, para que ela pudesse guiá-lo de pé e levá-lo para o espaço aberto.

Eamon permitiu que ela o deixasse no lugar e colocasse os cobertores ao redor dele, sem mais uma palavra.

Ela tocou um beijo em sua testa e caminhou ao redor da cama, para tomar seu lugar do lado oposto dele. Com toda a turbulência de tudo o que aconteceu,



ela preocupou-se que não pudesse dormir, mas assim que sua cabeça pousou no travesseiro e os cobertores se acomodaram sobre ela, ela afundou no sono profundo e sem sonhos.



Na manhã seguinte, Jessamine caminhou ao redor do salão de reuniões, oferecendo aos que seguravam copos, a bebida quente e forte favorita do palácio.

Suas vozes foram silenciadas, permanecendo próximas aos grupos espalhados por todo o espaço, como se estivessem todos tentando manter suas palavras próximas delas e não permitindo que elas chegassem a mais ninguém.

A tensão em toda a sala era palpável, assim como a sensação de antecipação incômoda, pois todos esperavam por algo, que ainda não sabiam o que seria.

Era como se todos soubessem, que deveriam estar fazendo alguma coisa, mas não sabiam o suficiente do que estava acontecendo, até mesmo saber o primeiro passo a seguir.

Jessamine odiava o sentimento. Quando ela era rainha, ela pelo menos tinha a sensação de poder e controle que a levava a situações difíceis.

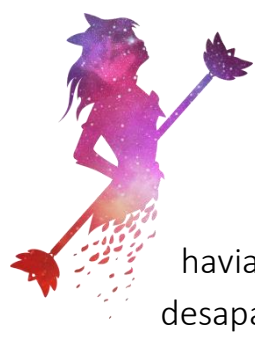
Agora que a regra foi passada para Jiri, ela nem teve a força da responsabilidade de fortalecê-la.

Embora ela estivesse orgulhosa de seu filho e grata de que ele seria o único que os lideraria, também havia a sensação de que ela estava flutuando, sem um lugar ou caminho determinado.

Ela estava tomando um gole de seu próprio copo, quando um barulho das portas, na extremidade do corredor a fez saltar, enviando o líquido quente a espalhar o chão na frente dela.

Jessamine virou-se e viu seu filho, Valdin, atravessando a porta quebrada, que parecia ter tropeçado pela tranca que Eamon colocara no lugar.

Ele usava um longo manto preto, como todas as figuras que estavam de cada lado e atrás dele, e ela percebeu que todos, exceto Valdin, usavam capuzes sobre suas cabeças, para que protegessem seus rostos, escondendo suas identidades.



- Valdin! - ela ofegou. - O que você está fazendo?

Seus olhos viraram-se para ela e Jessamine viu que eles haviam mudado. A vida e a energia que já haviam estado lá desapareceram e ela mal reconheceu a pessoa olhando para ela.

- Você realmente precisa me perguntar, mãe? - ele perguntou. - Eu pensei que o pai, tinha mostrado tudo o que você precisava saber.

Jessamine sentiu um arrepio sobre ela.

- Você ... - ela disse, uma confirmação e não uma pergunta. Valdin avançou na sala e o pequeno exército que ele trouxe com ele, se espalhou pela sala até ficarem em uma longa linha pelo espaço, bloqueando a saída.

- O quê? - perguntou Valdin. - Você não acreditou que eu seria o único que poderia surgir com isso? - o sorriso vicioso e oleoso que ele estava carregando desapareceu e uma expressão mais cruel tomou seu lugar. - Por que, mãe? - ele olhou para seu pai, depois para seu irmão e Layla, e depois para Jessamine. - Você sempre pensou que eu era o fraco.

- Não. - disse Jessamine, balançando a cabeça. - Não, Valdin. Nunca pensei que você fosse fraco.

- Sim, você fez. - disse Valdin. - Toda a minha vida foi ofuscada por meus irmãos. Você mesmo viu mais em Jiri, e todos sabiam que ele nunca seria capaz de viver de acordo com o que deveria ser. Você sempre me viu como o fraco, que seguiu meus irmãos e nunca equivaleria a nada.

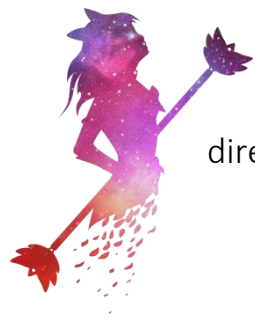
- Isso não é verdade. - disse Jessamine.

- Você sempre foi mais silencioso do que os outros, mas isso é tudo. Eu não sei por que você cogitaria que eu pensaria em você como qualquer coisa menos. Eu amo você, tanto quanto eu amo seus irmãos. Nunca pensei em você como nada menos. - disse Jessamine, dando um passo implorante em sua direção.

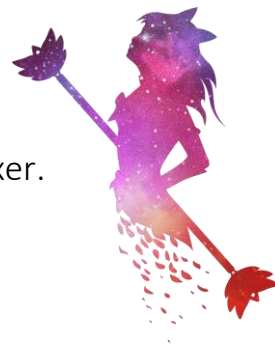
- Pare!

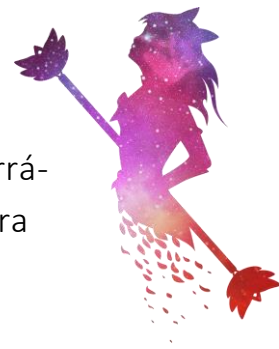
Valdin ergueu a mão e Jessamine sentiu uma bola de energia intensa no centro do seu estômago, enviando-a de volta, ela pousou no chão. Ela ofegou, quando o impacto tirou a respiração de seus pulmões e a escuridão ao redor das bordas de sua visão se fechou ao seu redor.

Ela ouviu os gritos dos homens na sala e os passos vindo deles, correndo em



direção a Valdin, mas não conseguiu se mexer.





Poucos momentos depois, ela sentiu mãos fortes agarrá-la e arrastá-la a poucos metros do centro do chão. A figura agachou-se ao lado dela e ela percebeu que era Eamon. Seu marido colocou a mão em seu rosto para que ela o olhasse.

- Você está bem? - ele perguntou. Jessamine assentiu.

- Se Layla pode tomar isso, também posso. - disse ela, fazendo uma careta contra a dor nas costelas, enquanto falava.

- Pare onde você está! - a voz de Malan trovejou pela sala.

Jessamine levantou os olhos e viu o homem *Kintani* de pé onde estava, os outros guerreiros de *Kintani* e *Denynso* que trouxeram com eles agrupados atrás dele, propensos a lutar.

- Saia do meu caminho. - disse Valdin. - Você não tem poder aqui.

- Nós o fizemos. - disse Malan. - Se não fosse por nós, os *Travetori* teriam sido erradicados.

- Nunca. - disse Valdin. - Nós somos os guerreiros mais temíveis da galáxia. Nós teríamos prosperado. Toda a sua interferência, foi para reduzir o nosso poder e evitar que pudessemos atingir o nosso potencial.

- Vocês não são os guerreiros mais temíveis e você nunca será. - disse Malan. - Você é habilidoso e poderoso, sim, mas mesmo no seu mais forte, você não conseguiu se opor aos *Denynso*. É por isso que os trouxe aqui, para provar que você não é invencível, que você teria sido destruído, se seu tipo continuasse no caminho que você seguisse. Sem nossa proteção, não haveria planeta em Cassiopeia, seu tipo não teria continuado.

Jessamine podia ver o veneno nos olhos de Valdin e a maneira como suas mãos apertavam seus lados, a raiva evidente, à medida que crescia.

- Você vai se arrepender do dia em que você veio aqui. - disse Valdin. - Nós nos elevaremos ao poder e reclamaremos tudo o que nos foi devido.

Antes que pudesse haver mais reação, os dois grupos se precipitaram um para o outro, se chocando no meio. Jessamine gritou, quando viu seu filho apanhado no meio do conflito, lutando viciosamente com Malan enquanto o resto dos homens se enroscava com ferocidade.

Eamon deixou seu lado para se juntar à luta, sua mão indo para o quadril, para puxar sua espada da bainha.



Eles lutaram por vários momentos, antes que estivesse claro, que os *Denynso* eram exatamente como Malan havia dito, muito mais forte e mais poderoso do que qualquer outra espécie.

Foi uma realidade sóbria, algo que foi contra o que os *Travetori* sempre haviam acreditado.

Eles conheciam a história de seu tipo e por que estavam no planeta entre as estrelas, mas há muito reviveram a história, de que não eram apenas uma raça guerreira, mas eram guerreiros que podiam superar e derrotar qualquer coisa e qualquer um.

Embora tenham sido forçados a se submeterem à tutela e ao controle do *Kintani*, acreditaram e passaram para novas gerações, que isso não era porque os *Travetori* estavam realmente em risco, mas porque colocaram outros em risco.

Valdin e os homens que ele trouxera com ele começaram a se retirar, agarrando as vestes daqueles que haviam caído e arrastando-os com eles fora da sala. Ele parou na porta e olhou para aqueles que haviam lutado contra ele.

- Isso não acabou. - disse ele.

Eles desapareceram do salão de reuniões e os *Denynso* soltaram rugidos, que estremeceram através de Jessamine.

Embora pareciam estar comemorando sua vitória, após a breve batalha, Jessamine não conseguiu sentir nada senão a escuridão. O aviso de Valdin estava fortemente dentro dela. Ela sabia que o que ele estava dizendo era verdade.

O conflito não terminou. Ele voltaria. Havia muito mais por vir



Capítulo Quatro



Layla sentou-se à cabeceira da longa mesa, ao lado de Jiri, as mãos juntas entre suas cadeiras, enquanto ouviam os homens de cada lado da mesa.

Sentiu que suas vozes estavam passando por ela tão rapidamente, que mal conseguia distinguir as palavras, muito menos entender o que eles queriam dizer. Finalmente, ela balançou a cabeça e levantou a outra mão para calá-los.

- Eu não entendo. - disse ela. - Qual é o perigo? Jiri é rei. Ele não tem o poder de parar o que Valdin está tentando fazer?

Eamon olhou para ela e viu a tristeza em sua expressão.

- Não. - disse ele. - É verdade que Jiri é rei, mas mesmo o poder que esse papel detém, não pode detê-lo por conta própria.

- Mas o que ele está tentando fazer? - perguntou ela. - Não pode ser, que ele apenas esteja tentando destruir Jiri.

- Não é só Jiri que ele está tentando destruir. - disse Eamon. - O que Valdin está tentando, é muito mais do que isso. Ele está tentando se libertar dos laços que mantiveram nosso tipo, dentro de Cassiopeia por gerações e retomar a busca que nos colocou nesses títulos.

- Que ligações? - perguntou Layla.

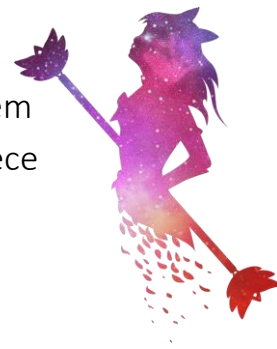
- Expliquei-lhe por que os Travetori estão aqui. - disse Jiri. - O *Kintani* trouxe nosso tipo aqui há muitas gerações por causa de uma guerra.

- Sim. - disse Layla. - Mas você não explicou completamente isso. Ainda não sei quem são ou o que a guerra tinha feito, para que eles o forçassem a viver aqui.

- Não foi força. - disse Malan. - Foi uma gentileza, um presente para eles, de nossa espécie.

- Mas por quê? - perguntou Layla, ficando frustrada com a imprecisão, que parecia ser os homens tentando mantê-la distanciada da conversa. - Como a transferência de uma espécie inteira de seu planeta original, para um que as pessoas nem sabem que existe, é uma gentileza?

Os homens trocaram olhares e ela pôde ver que eles estavam interrogando silenciosamente, se eles deveriam responder a sua pergunta.



- Diga a ela. - disse Jiri, em parte um incentivo e em parte um comando. - Ela será a Rainha em breve. Ela merece saber o que ela realmente governa.

- Só porque as pessoas da Terra não sabem que existe um planeta dentro de Cassiopeia, não significa que ninguém faça. - disse Malan na defensiva. - Os *Travetori* não foram colocados aqui para escondê-los dos outros, mas para protegê-los.

- Das outras espécies? - perguntou Layla.

- Sim, mas também de si mesmos. Tornaram-se muito confiantes, muito seguros de si mesmos e de suas habilidades. Alguns decidiram que queriam assumir o universo e reivindicá-lo como seus próprios, essencialmente escravizando outras espécies, enquanto os príncipes escravizavam suas nutridoras. Os *Kintani* sabia que isso simplesmente não poderia ser.

- Se eles estavam tentando assumir o universo, por que você sentiu que precisava protegê-los? - perguntou Layla. - Você não estaria lutando contra eles para evitar que isso acontecesse?

- Quando outras espécies ouviram falar o que eles estavam planejando, eles decidiram lutar contra eles. Vários planetas juntaram-se e os *Travetori* foram muito rapidamente dominados. Os *Kintani* sabiam que não era culpa de todos em seu planeta original, que esse grupo se comportasse desse jeito então, em vez de ajudar na sua destruição, nosso tipo escolheu ajudar aqueles que eram inocentes e restringir aqueles que não eram.

- Quem são eles? - perguntou Layla. - Quem são os *Kintani*? Por que eles teriam o poder de fazer isso?

Houve outra longa pausa.

- Diga a ela. - disse Jiri novamente.

Malan respirou como se estivesse se preparando para algo muito difícil. Quando ele ergueu os olhos para ela, Layla percebeu o quanto eles eram incomuns.

Eles brilhavam com camadas de cor, brilhantes faixas através deles, ao contrário de qualquer coisa que ela já havia visto.

- Os *Kintani* são uma espécie antiga. - disse ele. - É nossa responsabilidade cuidar das estrelas, levando-as ao nascimento e garantindo que elas estejam em suas posições corretas, em todo o céu. Estamos destinados a protegê-los e ao



papel importante que desempenham durante a existência.

- Ainda não entendo. - disse Layla. - O que isso tem a ver com você colocando os *Travetori* neste planeta?

- Por que você acha que as pedras que os *Travetori* usam, se chamam de pedra estelar? - perguntou Malan.

Layla balançou a cabeça.

- Eu não sei. - disse ela.

Sua mente foi para primeira vez que ela notou as pedras brilhando da manga da túnica de Sytan, quando ela estava preparando ela para sua primeira noite de serviço para Jiri, e então o padrão de pedras embutidas nas costas de Jiri.

Ela apenas questionou o que eram, não porque estivessem lá.

- *Travetori* não são como qualquer outra espécie em todo o Universo. - disse Malan. - Eles são únicos, como os *Kintani*, mas onde somos responsáveis por criar e proteger as estrelas, os *Travetori* prosperam com elas. Eles comem e bebem, mas sua maior força e poder, vem da luz das estrelas. As pedras que estão na sua pele, são a verdadeira maneira de que os *Kintani* os mantenham presos. Essas pedras não revelam apenas os pensamentos e os sentimentos da pessoa que as carrega. Elas também filtram a luz das estrelas e reduzem a quantidade de energia, que a pessoa podem obter. Assim como as pedras das estrelas incorporadas as nutridoras, reduziram seu próprio poder pessoal, as pedras das estrelas nos *Travetori* diminuem o que eles podem tirar da luz das estrelas. Sem essas pedras, a absorção da luz das estrelas está fora de controle.

- E eles se tornarão imensamente poderosos? - perguntou Layla.

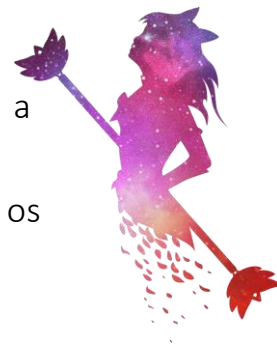
- Sim, mas não da maneira que você possa pensar. Eles serão extremamente poderosos, mas esse poder sobre os outros não é preocupante. - disse Malan. - Se eles não estão ligados pelo controle das pedras das estrelas, eles podem absorver tanto do poder da luz das estrelas, como eles realmente matam as estrelas. Sem estrelas, a galáxia não pode sobreviver. Se for permitido, os *Travetori* poderiam remover as estrelas de qualquer área do espaço que desejassem, para punir ou ganhar controle. Sem fronteiras para detê-los, eles poderiam matar tantas estrelas, que destruíram o Universo. Foi o que paramos, quando os trouxemos aqui para este planeta e os colocamos nos laços da constelação e das pedras de suas estrelas. Agora Valdin comprometeu-se a





retomar essa missão. Eles estão colocando toda a existência em risco, e vamos ter que salvá-la.

- Mas essas pedras... - disse Layla. - Eu pensei que os *Travetori* nasceram com elas. Sytan disse que eles estão na forma das estrelas na noite em que nascem.



- Eles nascem com elas agora. - disse Malan - Mas isso nem sempre foi o caso. Foi desenhado dessa maneira, depois de várias gerações. Simplesmente porque eles nasceram com elas, no entanto, não significa que eles não são capazes de removê-las, exatamente como você conseguiu remover a sua. Os *Kintani* conseguiram garantir que os bebês nascidos daqueles que tiveram as pedras, possuíssem as próprias pedras, mas não conseguiram garantir que nunca fossem removidas. Até agora, isso não tem preocupação. Ninguém jamais questionou as pedras ou tentou removê-las. Não até Valdin.

- E Prez. - disse Layla. - Ele está seguindo a liderança de seu irmão. Eu me arriscaria a dizer que ele estava sob um desses capuzes, com muito medo de enfrentar os *Denynso* novamente por conta própria, mas incapaz de não acompanhar o que disse Valdin. Ele acredita que Jiri nunca deveria ter sido feito rei e ele era horrível para Sytan. Tenho certeza de que ele acredita que os *Travetori* deveriam ter sido autorizados a assumir o Universo se a força deles os permitissem.

Ela respirou fundo, demorando um momento para permitir que tudo se instalasse, uma pergunta puxada para trás de sua mente, no entanto, impedindo-a de entender completamente.

- As pedras? - disse ela. - As que as nutridoras tiraram. Malan disse que Jiri deveria levá-las com ele. Por quê?

Eamon afastou-se da mesa e ficou de pé.

- Jiri. - disse ele.

-Eu tenho permissão para mostrar a Layla o que encontramos?

Layla viu um olhar de desconforto cintilar através do rosto de Jiri, enquanto ouvia a formalidade do pai. Ela sabia que não gostava do ex-rei tratando-o dessa maneira, mas não podia questioná-lo. Ele era rei e se eles estivessem em uma capacidade formal, Eamon teria que tratar Jiri com a tradição que seria esperada de qualquer outra pessoa.



- Por favor. - disse Jiri.

Eamon gesticulou para Layla segui-lo e ela ficou de pé, virando o lado da mesa e caindo no passo logo atrás dele. Jiri, Malan e Jessamine seguiram, mas todos caminharam em silêncio.



Layla tentou prestar atenção para onde eles estavam indo, quando Eamon a guiou pelos corredores. Ela não teve a chance de explorar o palácio fora dos aposentos de Jiri e queria saber mais sobre isso.

Ter uma melhor compreensão dos corredores e onde eles levavam, também a confortava e tranquilizava-a de que, se houvesse uma emergência, ela poderia voltar ao salão de reuniões o mais rápido possível.

Finalmente, Eamon parou no meio do corredor. Ele esperou até que todo o grupo se juntasse, antes de correr a mão ao longo da parede de pedra, pressionando ocasionalmente em seções específicas das pedras, até que de repente um segmento de pedras se retiraram do caminho e abriu-se como uma porta.

Layla recuou, enervada pela entrada escondida. Ela nunca teria notado que havia algo diferente sobre essa extensão de pedra, fazendo com que ela se perguntasse quais outras seções escondidas do palácio que ela já passara, sem saber disso.

Isso a fez se sentir vulnerável e exposta, insegura de qualquer passo que ela dava pelos corredores do palácio, ou mesmo nos próprios quartos.

- Eu achei isso não muito tempo atrás. - disse Eamon. - Eu não tinha certeza do significado, então, agora ...

Sua voz se apagou e Layla olhou por cima do ombro para a pequena câmara além. Era mais um grande armário, do que uma sala e a maior parte do espaço, estava ocupada com dois grandes conjuntos de prateleiras que ficavam no chão de pedra, com a cor enegrecida, em contraste com os outros móveis que ela tinha visto nos quartos de Jiri ou o salão de reuniões.

Ela deu um passo na sala, sua boca caindo, quando ela percebeu que as prateleiras estavam alinhadas com pedras de estrelas.

- Agora eu sei o que isso significa. - disse Eamon, continuando seu pensamento. - Valdin e seus seguidores removeram suas pedras das estrelas. Eles não são mais controlados corretamente e estão ganhando força. Já começaram.



- Havia uma neblina espessa na noite passada, que impediu que absorvessem muita luz das estrelas. - acrescentou Jiri. - Mas isso vai passar. Eles começaram a reunir as luzes das estrelas e em breve irão além do palácio. Temos que detê-los.



Layla avançou e tocou a ponta dos dedos para uma das pedras, tremendo com a realidade do que representavam. Ela se virou bruscamente para eles.

- As estrelas... - disse ela, olhando entre elas. - Se eles já começaram, por que não há estrelas desaparecidas?



Capítulo Quatro



Ashling observou enquanto Malan entrava na sala pequena, para que ele pudesse examinar mais de perto as pedras das estrelas que pareciam estar expostas nas prateleiras.

O guerreiro *Denynso* ainda não entendia completamente essas pedras ou o que elas significavam, mas ele podia dizer que elas tinham um significado incrível, para as duas espécies, que ele e seu tipo tinham sido encarregados de ajudar.

Mencionar os insurgentes serem capazes de destruir as estrelas era enervante, e sabia que era mais importante do que nunca se comprometer com a batalha que ele deveria enfrentar e proteger a mulher que amava.

A pergunta de Layla ainda pendia no ar, mas Malan não respondeu. Em vez disso, ele examinou as pedras por um momento e depois se virou bruscamente para Eamon e Jiri.

- Precisamos evacuar o palácio. - disse ele. - Todos, exceto aqueles que vão ficar para lutar, precisam sair o mais rápido possível.

- E as pessoas na aldeia? - perguntou Jiri. Ashling sentiu seu peito apertado na menção da aldeia, lembrando-se da maneira como Syllan falou sobre o lugar que já havia sido sua casa e agora não era mais que um pensamento distante.

- Por enquanto, nos concentramos no palácio. - disse Malan. - Vamos voltar para os aldeões. Eles não sabem o que está acontecendo e é melhor não causar pânico, dizendo a eles.

Ele virou e olhou para Ashling.

- Preciso de alguém para acompanhar as mulheres de volta a Uoria. - disse ele. - Eu sei que você seria benéfico para nós no campo de batalha, mas você tem um relacionamento com uma das mulheres. Ela pode se sentir mais confortável se você estiver com ela e as outras, pelo menos até se instalarem no complexo.

- Você chegou a Gaia? - Ashling perguntou.

- Ainda não. - disse Malan. - Esta é uma emergência e não tenho tempo



para tentar me comunicar com ele.

- Está tudo bem. - disse Ashling. - Não consigo imaginar que o meu rei rejeite os necessitados. Eu falo com ele quando chegarmos e digo o que eu vi aqui.

- Obrigado. - disse Malan. - Vá. Junte as mulheres e volte para a sala de reuniões. Você precisará retornar imediatamente.

Ashling assentiu e saiu correndo da sala, não abrandando o ritmo, até chegar aos aposentos onde as nutridoras estavam hospedadas.

Nenhuma emergiu de seus quartos naquela manhã, e Ashling imaginou que a maioria delas aproveitava a oportunidade para dormir e relaxar, algo que duvidava que pudessem fazer com muita frequência. Ele foi primeiro ao quarto de Sylan.

Recordando sua reação, quando entrou em seu quarto na ala de Prez sem se anunciar, ele parou na porta e bateu.

- Sim? - a voz de Sylan veio do outro lado da porta.

- Sylan? É Ashling. - preciso que você abra a porta.

A porta se abriu imediatamente, como se ela já estivesse de pé ao lado dela quando ela falou e ela olhou para ele com uma expressão nervosa e questionadora.

- Está tudo certo? - perguntou ela. Ashling sacudiu sua cabeça.

- Não. - ele respondeu. - Precisamos evacuar o palácio. Não tenho tempo para responder quaisquer perguntas agora. Precisamos conseguir as outras mulheres, reúna o que você pode carregar, e precisamos sair.

Sylan assentiu e voltou a entrar no quarto. Ela apareceu na porta um momento depois com a roupa que ela trouxe de seus aposentos anteriores.

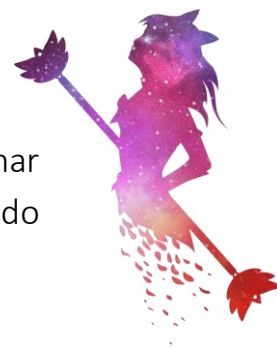
- Tudo bem. - disse ela. - Estou pronta.

- Bom. Você pode me ajudar a obter as outras mulheres? - perguntou. - É provável que confiem mais em você do que em mim.

- Claro.

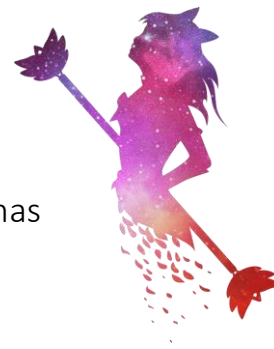
Eles andaram pelo corredor, coletando as outras mulheres até que todas estavam reunidas atrás de Ashling, avançando rapidamente em direção ao salão de reuniões.

Cada uma detinha alguns pertences simples, mas, em sua maior parte, elas fugiam com elas mesmas, colocando tudo o que elas conheciam atrás delas e





escapando para um mundo que elas não conheciam.



Ashling sabia que elas deveriam estar aterrorizadas, mas não estavam mostrando isso.

Em vez disso, elas pareciam ter se fechado. Com a exceção de Sytan, que olhou para ele a cada pouco segundo, os rostos das mulheres estavam em branco e continuavam a encará-lo, enquanto passavam pelo palácio.

Quando eles chegaram de volta ao salão de reuniões, Ashling levou-as a Malan, que estava com a equipe do serviço do resto do palácio. Sytan aproximou-se dele, mas não o tocou.

Ashling queria desesperadamente completar seu vínculo com Sytan e reivindicá-la completamente como sua, mas isso não era apenas sobre o vínculo.

Ele queria tornar tudo mais fácil para ela e protegê-la de qualquer dificuldade que pudesse estar à frente dela, não importa quanto tempo demoraria para que ela compreendesse o amor que ele tinha por ela, ou a beleza do relacionamento que eles poderiam ter, ou mesmo se ela já fez.

- Eu não sei o quanto Ashling lhes disse. - disse Malan às mulheres. - Mas é de extrema importância que você se afastem daqui o mais rápido possível. Há um perigo extremo aqui e a única maneira de protegê-las é garantir que vocês estejam longe daqui. Estou enviando vocês para Uoria, o planeta onde os *Denynso* tem seu composto. Vocês estarão a salvo lá.

- Será que podemos voltar aqui? - perguntou Sytan. Malan olhou-a severamente.

- Eu não sei. - disse ele. - Se alguma vez for seguro para vocês voltarem aqui, eu me certificarei de que será assim. Por enquanto, vocês estarão viajando de forma que nenhuma de vocês tenham antes. Até hoje, apenas os *Kintani* viajaram deste jeito. Posso assegurar-lhe que é seguro, mas pode ser desconfortável.

Ashling inclinou-se ligeiramente para que Sytan pudesse ouvi-lo.

- Eu vou estar com você o tempo todo. - disse ele. - Eu prometo. Você não precisa ter medo.

- Como estaremos viajando? - ela perguntou.

Malan olhou para ela e Ashling percebeu que tinha ouvido sua pergunta.



- Nós estaremos viajando através de um portal. - disse ele.

- Um portal? - perguntou Sytan.

- Precisamos nos mover. - disse Malan. - Não há tempo

para perguntas.

Eles começaram a atravessar o salão de reunião, mas Ashling ouviu passos aproximados e uma voz quase frenética.

- Espera!

Ele se virou e viu Layla vir em sua direção. Ela se aproximou de Sytan e avançou para reuni-lá em um abraço.

Ashling ouviu Sytan engolir ligeiramente, mas um momento depois, ergueu os braços e envolveu-os em torno de Layla, com os olhos fechados enquanto ela apoiava a cabeça contra o ombro da rainha.

- Muito obrigado, Sytan. - sussurrou Layla.

- Pelo quê? - Sytan perguntou, recostando-se do abraço, mas não tirando os braços de Layla. - Eu não fiz nada. Eu deveria agradecer você.

Layla agarrou os braços de Sytan e olhou nos olhos dela.

- Você fez mais por mim do que você nunca saberá. Cuide-se. - ela olhou para Ashling com um olhar conhecido. - Deixe Ashling cuidar de você.

O guerreiro *Denynso* se perguntou se ela de alguma forma sabia o que estava sentindo e o profundo amor que ele já sentia por Sytan.

- Você não vem conosco? - perguntou Sytan. Layla balançou a cabeça. - Não. Preciso estar aqui com Jiri. Mas quando tudo isso acabar, você estará de volta aqui. Tudo vai ficar bem.

- Você realmente pensa assim? - perguntou Sytan. Layla assentiu.

- Eu faço.

- Precisamos ir. - disse Malan.

As duas mulheres deram outro abraço apertado. Assim que as mãos de Layla se afastaram de Sytan, Malan começou a sair do palácio.

Ashling caiu em um passo atrás dele e as mulheres seguiram de perto. Ele sentiu Sytan perto dele e mediu seus passos para garantir que ele ficasse perto dela.

O show de afeto de Layla parecia ter impulsionado seu humor, mas ele





sabia que ela ainda estava nervosa com a viagem que eles estavam prestes a tomar.



Quando saíram do palácio, Ashling reconheceu que eles não estavam indo para o mesmo lugar onde eles chegaram, como ele esperava.

Eles viajaram pelo portal para chegar ao planeta em Cassiopeia, permitindo que eles chegassem ao planeta em menos de uma hora, depois que Malan chegou a Uoria e pediu a Gaia assistência de seus guerreiros.

Ashling esperava que, quando fosse hora deles voltarem para Uoria, que voltassem para o mesmo lugar quando eles vieram para este planeta.

Malan, no entanto, estava guiando-os atrás do palácio em um antigo edifício de pedra, que já havia servido de abrigo. Ele os conduziu para dentro e fechou a porta atrás dele.

- Todos se aproximem. - disse ele.

Ashling observou enquanto alcançava uma bolsa pendurada na cintura e retirou uma pequena caixa de metal. Ele olhou ao redor do grupo enquanto segurava o estojo na palma da mão.

- Eu preciso de todos vocês para me ouvir com muito cuidado. - disse Malan. - Em um momento, vou abrir isto. Contém um pedaço de pedra com gravuras sobre ele. Quando eu disser, preciso que cada um de vocês compreenda e então avance e toque os dedos nas gravuras. É extremamente importante que todos façam isso ao mesmo tempo. Não importa o que sintam ou experimente, não pode tirar a mão da rocha. Você saberá quando chegar em Uoria.

- Você está voltando conosco? - Ashling perguntou.

- Apenas o tempo suficiente para chegar lá. - disse Malan. - Uma vez que você chegar e estiver confiante de que todos tenham conseguido, vou voltar para ajudar. - Ele voltou a olhar para cada pessoa do grupo.

- Todos estão prontos?

Eles assentiram e Malan abriu o saco, revelando a rocha que continha o portal para Uoria.

- Por favor, segure os que estão à sua volta. Não segure a pessoa que está segurando você. Precisamos fazer tantas conexões em todo o grupo quanto possível.



Ashling se abaixou e encontrou a mão de Sytan procurando a dele. Ele entrelaçou os dedos, apertando sua mão com a mão dela para tranquilizá-la.

Ele segurou o pulso de Malan com a outra mão e ficou aliviado de que um dos servos do sexo masculino que estavam ao lado dele agarrasse seu braço.

Isso evitaria a situação incômoda de uma mulher tentando agarrá-lo e sentindo o calor abrasador de sua pele, que era outro sinal de que ele havia encontrado seu amor.

Todos no grupo chegaram para frente e descansaram a ponta dos dedos na rocha. Ashling fechou os olhos, preparando-se para a sensação de viajar pelo portal.

Assim como Malan havia dito, não haviam percorrido um portal até viajar para Cassiopeia.

Como os outros guerreiros de *Denynso*, sua vida se passou no complexo com o resto do clã ou na batalha. As únicas vezes que eles viajaram do planeta, usaram a tecnologia das espécies que estavam ajudando ou defendendo, reduzindo as chances de que o inimigo detectasse sua presença ou antecipasse sua chegada.

Viajar pelo portal tinha sido uma experiência que ele não tinha se preparado, e que sabia que não gostava. Como na primeira vez, ele teve uma sensação de puxão em seu intestino, como se algo estivesse puxando o centro de seu corpo.

Embora seus olhos estivessem fechados, ele sentiu a escuridão se fechando ao redor dele. A sensação do chão debaixo de seus pés desapareceu e ele sentiu como se estivesse sendo arrastado através de um ar frio e denso.

Embora ele lutasse contra, ele podia sentir-se deslizando na inconsciência. Ele segurou a mão de Sytan e o braço de Malan tão forte quanto ele resistiu, a força do movimento puxando seu aperto e tentando quebrá-lo.

Finalmente, ele sentiu seu corpo bater em algo sólido e sabia que eles tinham chegado de volta a Uoria.

Ao redor dele, ouviu os outros gemendo e respirando com fôlego ofegantes enquanto tentavam se recuperar do pouso áspero.

Ashling abriu os olhos e sentou-se. A força de bater no chão tirou a mão de





Sylan dele e ele olhou em volta para ela.

Ela estava deitada no chão, a alguns centímetros de distância, com os olhos abertos enquanto olhava para o céu, imóvel. Ashling a alcançou e tocou seu ombro, sentindo alívio sobre ele quando se virou para olhar para ele.



- Onde estamos? - ela perguntou.
 - Uoria. - disse ele. - Assim como Malan disse.
 - Este é o seu planeta natal? - perguntou ela.
- Ashling assentiu.
- Sim.

Ela lutou para se sentar, e ele colocou a mão sob o braço para ajudá-la. Ao olhar ao redor dela, ele seguiu seu olhar, tentando decifrar onde eles estavam no planeta.

Ele ficou aliviado ao ver que eles não estavam longe do complexo. Todos começaram a ficar de pé e Ashling encontrou os olhos de Malan.

- Por que não usamos o mesmo portal que fizemos para chegar a Cassiopeia? - perguntou ele.

- Os portais não funcionam tão facilmente como você gostaria que eles fizessem. - ele respondeu. - Simplesmente porque você pode percorrer uma direção através de um portal, não significa que você possa usá-lo da mesma maneira. O portal que costumávamos viajar de Uoria para Cassiopeia, não nos teria trazido de volta aqui. É por isso que eu tinha que ter esse portal comigo. É minha conexão com Uoria.

Ele fechou a caixa com a rocha nela e colocou-a de volta na bolsa na cintura.

- Nós precisamos chegar ao complexo. Uma vez que você estiver em segurança lá, vou viajar de volta ao portal que me devolverá a Cassiopeia.



Capítulo Cinco



Sylan não disse outra palavra enquanto atravessavam a área aberta do planeta. Uoria não era nada como o planeta de Cassiopeia.

Eles não encontraram casas ou edifícios, mas, em vez disso, atravessaram um grande campo que acenava em uma brisa quente e perfumada.

Embora tivessem viajado do outro planeta no que sentia apenas uma questão de segundos, parecia algumas horas depois, no dia seguinte, do que quando estavam em Cassiopeia.

O sol pendia mais baixo no céu e havia o sentido silencioso, um pouco mais pesado, que acompanhava a noite. Ela permaneceu perto de Ashling, quanto mais caminhavam, mais ela queria estar mais e mais perto dele.

A sensação que ela constatou por ele, desde o primeiro momento em que o viu, apenas se intensificou com cada momento que passou, e agora que estavam fora do planeta de Cassiopeia, sentiu-se ainda mais forte, como se a libertação do cativeiro tivesse aberto algo dentro, ela estava mais disposta a explorar os sentimentos dentro dela.

Permitindo que esses sentimentos a guiassem, ela intensificou-se ao lado dele e pegou sua mão novamente, permitindo que eles se ligassem como antes de viajarem pelo portal.

O aperto de sua enorme mão em torno da dela era reconfortante e a fazia sentir-se mais forte, à medida que continuavam ao longo do caminho. Diante deles, viu o contorno das construções. Ela sentiu a mão de Ashling apertar ligeiramente a dela.

- Esse é o composto dos *Denynso*.- ele disse para ela.

Assim que entraram no complexo, Malan disse adeus a Ashling e correu para longe, supostamente para o portal que o traria de volta.

Sylan teve uma forte sensação de preocupação em sua barriga, pensando sobre o que poderia estar acontecendo no planeta, que exigiria tais ações de emergência.

A despedida de Layla tocou Sylan e ela ficou agradecida pelo momento, que



a tranquilizou de que Layla sentiu uma conexão com ela, no mesmo de modo que ela o fez, mas também tornou sua preocupação com o planeta ainda mais intensa.



Ela desejou que Layla tivesse chegado a Uoria com eles, para que ela também estivesse segura. Ao mesmo tempo, no entanto, ela entendeu seu desejo de permanecer com Jiri.

Seria muito difícil afastar-se do homem que amava, sabendo que ele estava enfrentando um tremendo perigo.

O pensamento escorria pela mente de Sytan que, se Ashling não concordasse em escoltá-las de volta a Uoria e colocá-las no complexo, ela teria sido relutante em ir e talvez teria procurado uma maneira de permanecer no lugar, para que ela pudesse ficar perto para ele.

O pensamento era surpreendente e Sytan sentiu o calor cruzar suas bochechas enquanto tentava impedi-lo. Ela nunca teve esses sentimentos por ninguém antes.

Mesmo quando ainda vivia na aldeia, ela ainda era jovem o suficiente para viver com seus pais e ainda não havia dado sua mão a um pretendente para cortejar e se casar.

À medida que envelhecia, a ideia de poder se apaixonar e sentir o amor de alguém, se sentia cada vez mais como uma impossibilidade.

Presas na servidão de Prez, ela nunca teria a oportunidade de conhecer alguém, para que ela pudesse desenvolver sentimentos, e muito menos alguém para amar.

Até mesmo entreter o pensamento, de que ela estava desenvolvendo sentimentos tão intensos por um homem que acabara de conhecer, era algo que ela não sabia como processar.

- Venha comigo. - disse Ashling. - Vou levá-las para os quartos de hóspedes. Eles não são tão luxuosos quanto os quartos do palácio, mas tenho certeza de que vocês vão achá-los preferíveis a onde você estava dormindo, quando estava com os príncipes. Uma vez que vocês estiverem resolvidas, eu vou discutir a situação com o Rei, e teremos certeza de que vocês tenham tudo o que precisam para o tempo que estiverem aqui.

Sytan continuou a segurar a mão de Ashling, enquanto iam pela aldeia e



entravam em uma fileira de pequenas casas.

Ele fez uma pausa para cada um e incentivou um dos grupos a entrar, movendo-se ao longo da fila até que finalmente ela era a única pessoa que estava com ele. Como o último dos servos fechou a porta atrás dele, Sytan percebeu que não havia mais casas na fila. Ela olhou para Ashling.

- Onde eu vou? - perguntou ela. - As casas estão cheias agora.

Ashling olhou para cada uma das casas como se ele não tivesse percebido que haviam se enchido e depois olhou para ela.

- Está tudo bem. - disse ele. - Venha comigo.

Ele puxou levemente em sua mão, para fazê-la caminhar novamente e eles começaram a atravessar a aldeia para outra fileira de casas.

Ele parou em uma delas e abriu a porta, gesticulando para que ela entrasse, como ele tinha feito com as outras. Ao contrário daqueles, no entanto, ele a seguiu para dentro e fechou a porta atrás de si.

- Se você está confortável com isso... - disse ele. - Você pode ficar aqui.

- Onde é isso? - ela perguntou.

Ashling hesitou por um breve momento e deu um passo em direção a dela.

- Esta é a minha casa. - disse ele.

Sytan respirou fundo. Foi incrível pensar que ela estava de pé na casa do belo guerreiro que a salvou de suas correntes e que não podia sair da sua mente. Não só estava lá, em sua casa com ele, mas ele queria que ela ficasse lá. Ele estava confiante dela no espaço que era o mais privado e precioso para ele.

- Obrigada. - disse ela. - Eu vou cuidar bem enquanto estiver em Cassiopeia.

Ashling sacudiu a cabeça.

- Isso não é o que eu quis dizer. - disse ele. - Não pretendo voltar para Cassiopeia, pelo menos não agora.

- Por quê? - perguntou ela. - Eu pensei que eles precisavam de você lá para lutar e por isso que você foi lá.

Ele soltou um longo fluxo de respiração e caminhou em direção a ela novamente.

- Gaia me enviou para Cassiopeia porque Malan veio e pediu vários guerreiros para irem ajudá-lo, mas não é por isso que eu estava lá.



- O que você quer dizer? - perguntou ela.

Sylan sentiu-se um pouco ofegante, mas não entendeu o porquê. Era como se seu coração estivesse entendendo o que ele estava dizendo para ela, quando sua mente não estava.

- Eu estava lá, porque estava destinado a estar lá. Havia algo lá, que me esperava durante toda a minha vida

- O que?

Ashling escovou a ponta dos dedos ao longo da curva do rosto e Sylan sentiu sua pele se curvar sob o toque. A almofada de seu polegar percorreu seus lábios e ela suspirou contra isso.

- Você. - disse ele. - Eu fui criado especificamente para o amor de uma mulher. Nunca mais poderei amar, exceto ela, e por toda a minha vida, vou ser totalmente dedicado à sua felicidade e proteção. É assim com todos os *Denynso*. Uma vez que um *Denynso* completa seu vínculo com a mulher que foi feita para ele, eles estão ligados além de tudo. Nada pode levá-los uns dos outros. Esperei toda a minha vida para encontrar aquela mulher e agora eu sei que tenho...

- Você faz? - ela perguntou.

Sua mente nadou com o que ele estava falando. Ashling confirmou que ele estava sentindo uma atração apaixonada por ela, da mesma forma que ela fez com ele, mas em termos que eram muito mais fortes e mais poderosos, do que ela poderia ter traduzido em palavras.

- Eu sabia que estava perto da descoberta da minha companheira, antes que Malan chegasse até aqui para pedir ajuda. Os sinais eram fortes, mas não sabia quem poderia ser. Quando fui enviado para Cassiopeia, pensei que isso poderia significar, que eu seria levado para minha companheira pretendida, até eu voltar para casa e só poderia pensar no sofrimento que isso me causaria. Eu não poderia ter imaginado que iria para Cassiopeia, que ia me levar para a minha companheira. Então eu vi você e eu soube imediatamente.

- Você fez? - perguntou ela.

Sentia-se ridícula em não poder dizer mais nada, mas suas palavras a dominavam de uma forma linda e pacífica, que era ao mesmo tempo, além de qualquer coisa que ela pudesse entender e tudo o que ela poderia ter querido ouvir.



Ashling aproximou-se dela, parando quando estava perto o suficiente para ela poder tocá-lo se o alcançasse.

- O que você sentiu quando me viu? - ele perguntou.

Assim que ele perguntou, ela podia ver o seu rosto mudar. Ele parecia arrependido e quase irritado, e ele começou a dar um passo para trás dela.

Desesperada por não tê-lo mais perto, Sytan estendeu a mão e segurou um dos pulsos de Ashling. Ele fez uma pausa e olhou para ela em silêncio por vários longos segundos. Finalmente, ele se inclinou para a frente e tocou seus lábios com os dela, em um beijo suave e cauteloso.

- Eu sei que é tudo o que posso ter com você agora mesmo. - ele disse calmamente. - Embora o vínculo contigo seja tudo o que posso pensar, não vou te empurrar. Com tudo o que você passou, não posso esperar para você sentir o que existe entre nós ou para que você possa confiar em mim, da maneira que eu gostaria que você fizesse. Eu sei que provavelmente tem medo de mim, e não posso culpá-la por isso. Odeio cada segundo que você sofreu e só posso prometer-lhe que agora, estou dedicado a garantir que você nunca mais sofrerá novamente. Um dia, espero que você entenda o que sinto por você e o que poderia existir entre nós, mas, por enquanto, ficarei satisfeito de estar segura e estar aqui para protegê-la.

Sem outra palavra, ele se virou e saiu da grande sala, onde eles ficaram em um quarto menor, deixando-a em paz com seus pensamentos.

Sytan encontrava-se de pé onde estava, sentindo-se incapaz de se mudar do local onde Ashling a deixara. Ela tentou deixar tudo o que ele disse fluir por sua mente, para que pudesse entender, mas eles continuaram emaranhados, tornando-se apenas sons, ocasionalmente pontuado pela palavra com medo.

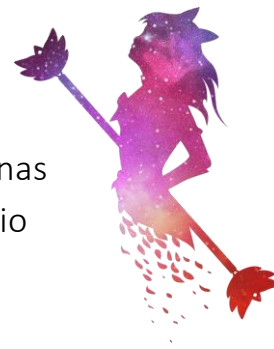
Na verdade, ela sabia que ele estava certo. Com tudo o que ela tinha passado nas mãos de Prez, ela deveria ter medo de qualquer homem estar perto dela, especialmente um tão grande e estranho como esse guerreiro incrível.

No entanto, ela não estava. Estar perto de Ashling era a única coisa que a fazia não ter medo, e sabia que a última coisa que queria era estar longe dele.

Os sentimentos que ela tinha por ele, não faziam sentido em sua mente, mas era porque eles eram tão inesperados, tão completamente fora de qualquer



coisa, que ela poderia ter esperado sentir ou experimentar nas horas e dias que seguem seu lançamento de Prez, ou o próprio fato de que ela sabia que estava certa.



Descansando as roupas que ela carregava no móvel mais próximo, Sytan alisou seus cabelos e respirou fundo para estabilizar o tremor no peito.

Quando ela se sentiu pronta, atravessou a porta para a sala menor onde Ashling tinha ido quando ele se afastou dela.

Ele estava sentado em uma cadeira segurando um grande livro em seu colo, olhando para baixo como se ele não estivesse realmente absorvendo nada que estivesse na página.

- Por que você não vai voltar para Cassiopeia? - Sytan perguntou de onde ela estava na entrada.

Ashling olhou para ela, com a cabeça inclinada ligeiramente.

- O que?

- Por que você não volta para Cassiopeia? - ela repetiu. - Malan disse que eles precisavam de todos os guerreiros que eles tinham, para ajudá-los com o que está acontecendo lá. Se o *Kintani* pedisse sua ajuda, seu tipo devem ser guerreiros incrivelmente poderosos. Seu dever seria estar com aqueles que precisam de você.

- Você está certa. - ele disse e Sytan sentiu o coração apertar ligeiramente. - Meu dever é estar onde eu preciso, que é exatamente por isso que estou aqui. Você é minha prioridade agora.

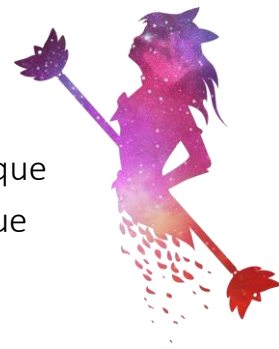
Sytan já não teve dúvidas ou hesitação. Ela cruzou o quarto, até que ela ficou diretamente diante dele e olhou-o nos olhos, observando como a cor mudou de verde vibrante para profundo, laranja da cor do pôr-do-sol.

- Não tenho medo de você. - disse ela. - Não tenho medo de nada sobre você.

Ashling baixou o livro para a mesa ao lado de sua cadeira e alcançou para descansar as mãos nos seus quadris.

- Eu não quero que você tenha medo. - disse ele. - Não posso suportar o pensamento de que você pensaria que eu iria machucá-la.

- Eu não o faço. - disse Sytan. - Eu nunca me senti tão segura e protegida,



como eu me sinto com você. Desde o primeiro momento que eu o vi, quando você veio me tirar das correntes, eu sabia que havia algo diferente sobre você. Eu sabia que estava segura em seus braços e nunca quis estar fora deles.

- Como minha companheira, você nunca terá que estar.

Sylan sentiu a pressão de sua ponta dos dedos guiando-a para frente e ela não resistiu. Ao aproximar-se dele, ela abriu as coxas para que ele a montasse e se debruçasse no seu colo.

Ela desejava mais do gosto de sua boca, inclinando-se para oferecer seus lábios para ele. Ashling capturou-os sem hesitação, imediatamente beijando-a mais e mais apaixonadamente do que antes.

Sylan encorajou-o, deixando seus lábios se separarem para que sua língua pudesse escorregar na boca dela. Seu gosto era rico e cheio, parecendo cercá-la, enquanto se sentava mais reto, para pressionar o corpo dele e intensificar seu beijo.

As mãos de Ashling se moveram de seus quadris para o mergulho de sua cintura e, em seguida, para os lados de suas costelas, para que seus polegares pudessem se acariciar ao longo do lado, inchado dos seus seios.

Sylan passou as mãos por seu peito esculpido, antes de trazê-los para frente de seu vestido e soltar os laços que seguravam o corpete fechado.

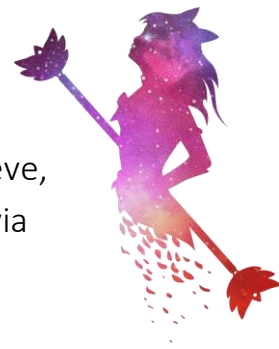
Seus seios derramaram de seu vestido enquanto o tecido se afrouxava e Ashling tirou a boca da dela, gemendo enquanto olhava para baixo para a bela visão.

Ele pegou os seios em suas mãos, em suas palmas, para que os picos tensos de seus mamilos pressionassem em sua pele.

A cabeça de Sylan caiu para trás, quando a estimulação a atravessou, chamando sentimentos e desejos de vida, que ela nunca experimentou.

Encerando a cabeça para as outras vezes em sua vida, que ela tinha sido tocada, sabendo que esses toques estavam fora de tudo, além da luxúria e do desejo de controle, ela baixou as mãos para as coxas e usou os dedos para juntar a saia de suas pernas.

Ashling ergueu-a pelos quadris e Sylan aproveitou a oportunidade para puxar a saia completamente para fora do caminho.



O vestido que ela escolheu para o dia era estreito e leve, em deferência ao clima quente que ela antecipava, e ela havia perdido qualquer roupa íntima, desejando não se sentir presa de nenhuma maneira.

Isso resultou em seu núcleo já molhado e quente, se instalando contra o tecido de suas calças e a sensação estremeceu através de seu corpo.

Ela podia sentir o forte inchaço de sua excitação embaixo dela e balançava seus quadris instintivamente contra isso. A ereção de Ashling endureceu ainda mais, levantando-se ainda mais, para esticar-se contra o tecido em sua direção.

Sylan alcançou-se entre eles e afrouxou os apertos de suas calças, doendo para tocá-lo.

Finalmente, ela sentiu o calor de seu eixo duro e grosso emergir em sua mão e ela colocou-o contra a palma da mão, envolvendo seus dedos em torno dele ansiosamente.

As veias e os cumes espessos estavam contra a suavidade de sua pele aveludada e ela se divertiu ao correr sua mão ao longo dela, com longos traços para que ela pudesse sentir cada um, guardando-os na memória, enquanto ela o tocava.

Os quadris de Ashling se apertaram, pressionando seu pênis em seu desespero mostrando seu desejo por ela. Enquanto ela continuava a correr a mão ao longo de seu eixo, o guerreiro tirou a camisa e a deixou de lado.

Ele ergueu os quadris e puxou as calças para longe, chutando-as para que ele estivesse completamente nu por baixo dela.

O calor de sua pele e a visão de seus incríveis músculos, apenas impulsionaram o desejo de Sytan e ela pressionou a mão livre para o centro do peito, e correu para baixo ao longo da ondulação de seu estômago. Ashling agarrou sua saia onde estava, juntou-a sobre as coxas e guiou-o pelo seu corpo.

Sylan esperou até o último momento para soltar sua ereção e levantar os braços sobre a cabeça para que ele pudesse tirar o vestido e deixá-lo cair no chão.

Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço e ele replicou, envolvendo seus braços em torno de sua cintura para que eles se abraçassem firmemente.

Ela se sentiu envolta por ele, como se o corpo dele a rodeasse, tanto



quanto a presença dele e a promessa de suas palavras.

Ela desejava que nunca precisasse deixar esse espaço indulgente e confortável. Seus lábios tocaram o lado de seu pescoço e ela beijou ao longo dele, ocasionalmente deixando a ponta da língua deslizar para correr ao longo de sua pele.

Ela podia sentir a dureza de sua ereção contra sua barriga e quanto mais apertado ele a segurava, mais pressionava contra ela. Líquido pré sêmen tinha se juntado na ponta de seu pênis.

Sylan recostou-se o suficiente para que ela pudesse levantar a mão entre eles e tomar a palma da mão sobre o pênis. Ela balançou os quadris, combinando a sensação de sua pele contra seu núcleo, com o movimento de sua ereção contra a barriga dela.

Ashling enrolou a mão na base de seu pênis e apertou seu braço em torno de sua cintura.

Sentiu-o levantar os quadris e depois guiar sua ereção para frente, de modo que a ponta tocou sua abertura. Sytan apoiou a testa contra a dele e respirou fundo, enquanto Ashling apertava seus quadris e puxava ela para se afundar nela.

Havia uma leve e deliciosa dor, quando o corpo se esticou para acomodá-lo e sentiu os músculos apertados. Sua boca encontrou a dela e ela sentiu sua mão deslizar sobre a barriga e depois mergulhar para que a almofada de seu polegar tocasse sua pérola sensível.

Sylan ofegou e seu corpo relaxou, dando boas vindas a Ashling, de modo que seus corpos se fundiam completamente.

Ele não a apressou. Ele não pareceu estar pensando em si mesmo ou no que estava experimentando. Em vez disso, ele se comprometeu com ela, tomando seu tempo para que ela pudesse se acostumar a levá-lo.

Ela entendeu então, que era isso que ele quis dizer quando falou de ligação com ela. Isso estava além de seus corpos e as sensações que eles estavam construindo cada um no outro.

Através da paixão e do prazer que eles criaram, eles estavam ligando suas próprias essências, reunindo-os de uma maneira, que estava totalmente além da compreensão de qualquer um que não estivesse nesse momento.

Sentia-se como se fosse a única pessoa a ter experimentado esse nível de



alegria e conexão eufórica, como se o outro fosse totalmente único e nunca poderia ter existido antes.

Não havia necessidade de palavras. Em vez disso, eles se moviam juntos, como se eles sempre se conhecessem, seus corpos se alinharam perfeitamente, de modo que confirmaram a assertiva de Ashling, de que eles eram criados um para o outro desde o nascimento.

Tomá-lo abraçado dentro dela era uma realização total e ela se sentia poderosa, bonita e forte, como ela não tinha em inúmeros anos.

Em momentos, Sytan podia sentir uma pressão vertiginosa ao longo de suas coxas, quadris e barriga. Havia algo em espera, algo além do alcance e de repente sentiu um desespero por isso.

Ashling parecia ser capaz de detectar essa mudança dentro dela, e fez uma mudança própria, pressionando-a mais forte em seu colo para que seu pênis massageasse profundamente dentro dela.

Sua mão permaneceu entre eles e o ritmo de seu polegar em seu clitóris, tornou-se mais rápido e mais insistente. Naquele momento, Ashling parecia se conectar com seus próprios desejos e oferecer-se a eles, disposto a escalar o pico com ela.

À medida que seus esforços se tornavam mais e mais rápidos, Sytan agarrou seus ombros e resistiu ao desejo de apertar os quadris, não querendo parar seus impulsos ou diminuir a profundidade que ele estava dirigindo para dentro dela.

De repente, ela sentiu como se toda a pressão que tinha construído dentro dela, tivesse atingido uma intensidade quase dolorosa e esmagadora, e depois se dissolveu ao seu redor.

As sensações poderosas que ele criou em cascata ao redor dela, com seu corpo em espasmos selvagens em torno de seu pênis.

Em alguns momentos, Ashling mergulhou nela e soltou um grito. Sentiu sua ereção pulsar, parecendo responder a ela com contrações, quando seu corpo tentou atraí-lo ainda mais para dentro dela.

Sem hesitação, Ashling levantou-se, pegando-a contra ele, de modo que Sytan ainda o manteve dentro dela e a cabeça apoiada em seu peito.

Sentiu-o levá-la para fora da sala e subiu um lance de escadas, antes de se afundar em algo suave. Ashling desceu sobre ela brevemente e depois retirou-se





cuidadosamente, para que ele pudesse se deitar ao seu lado.

Sylan percebeu que estava deitada em sua cama e Ashling se abaixou para pegar o cobertor dobrado no pé. Ele puxou-o sobre eles e embalou-a perto do seu lado.

Ela desejou que pudesse dizer-lhe o que estava sentindo, mas não conseguiu encontrar as palavras.

Quando ele tocou um beijo em seu ombro e soltou um suspiro, seus olhos se fecharam, ela sabia que não precisava. Por enquanto, era tudo o que precisavam.





Capítulo Seis



- Quanto dano foi feito? - Malan olhou para Jiri e balançou a cabeça.

- É pior do que eu poderia ter antecipado. - disse ele. - Não existe uma maneira verdadeira de saber, até que ponto o poder se estendeu. Até recentemente, os fluxos que visitei foram seguros. As estrelas estavam no lugar e não percebi nenhum problema. Mas nos últimos dias, mudou. Eu encontrei três fluxos, que parecem ter sido afetados por eles.

- Como eles descobriram sobre as correntes? - perguntou Jiri. - Você disse que era o conhecimento que só o *Kintani* tinham, e que você compartilhou apenas comigo.

- Foi o que eu pensei. - disse Malan. - Eles têm que ter sido ajudados por alguém, ou ter ouvido quando estávamos falando sobre eles. Não entendo como eles descobriram os portais.

- Faz quase dois anos que foram expulsos do palácio. Por que eles estão voltando agora? Se isso fosse o que Valdin tinha planejado, por que demorou tanto para começar?

- As forças combinadas dos *Denynso*, os *Kintani* e os *Travetori* os enfraqueceram na batalha. É possível que eles soubessem que não seriam capazes de derrotar os exércitos novamente, se eles tentassem fazer qualquer coisa logo depois eles fugiram. Eles podem ter reunido mais um exército e treinado-os, restaurando suas forças através da luz das estrelas .

- Eu pensei que você as desativou. - disse Jiri.

- Venha comigo.

Ele saiu de sua casa e caminhou em direção ao templo. Quando ambos os homens estavam em frente à parede maciça, ele gesticulou para ele.

- O que é isso? - perguntou Jiri.

- Este templo é a carga mais preciosa e vulnerável do meu gênero.

- Eu pensei que os *Kintani* se alimentavam das estrelas. - disse Jiri.

- Nós fazemos. - concordou Malan - Mas isso é parte disso. As



estrelas são a luz do universo. Elas são o que traz iluminação e sustenta os planetas. Sem a luz das estrelas, não haveria vida. Este templo foi construído para honrar uma luz ainda maior, uma iluminação protegida na pedra desta parede.

- O que é isso? - perguntou Jiri.

- Conhecimento. O conhecimento é leve, é vida. Mas também pode ser perigoso. Assim como os *Travetori* pode ficar fora de controle e perigoso quando eles não são retidos na quantidade de luz das estrelas que eles absorvem, ter muito conhecimento pode ser traiçoeiro. Há muito tempo atrás, fomos encarregados de levar todo o conhecimento de todo o universo, todo o tempo e existência, todos os fluxos e protegê-lo dos outros. Eles receberam o conhecimento de que precisavam, mas não podiam distinguir o que seria perigoso para eles saberem.

Malan viu os olhos de Jiri atravessarem a parede, caindo sobre as pedras brilhantes que estavam embutidas no fundo da parede.

- São aquelas pedras de estrelas? - perguntou Jiri.

Malan assentiu.

- Sim. São as pedras que foram dadas aos *Travetori* e as suas nutridoras, mas depois removidas. Ao incorporá-las neste muro, elas protegem tudo o que está dentro dele. Eu acredito que Valdin e seus seguidores, querem vir após o conhecimento contido nesta parede. Eles podem destruir seções do universo e até fluxos inteiros se eles quiserem, mas isso não lhes dará todo o poder que eles querem. Para fazer isso, eles devem ter esse conhecimento.

- Não entendo o que as pedras das estrelas têm a ver com isso. - disse Jiri.

- Elas são o que mantiveram as nutridoras prisioneiras e o que limita nosso poder.

- Você vê isso como uma crueldade. - disse Malan - Mas é uma gentileza. As pedras são uma forma de proteção. Este muro é a mãe de todo conhecimento, e no coração de cada mãe há o desejo de proteger.

- Essas pedras são o coração da parede. Enquanto as pedras permanecerem no lugar, Valdin e qualquer outra espécie, não poderão chegar ao conhecimento que ela contém. Mas não impedirá que eles



tentem. Tenho medo de que continuem a sua destruição até que possamos oferecer-lhes o templo.

- Você não pode fazer isso. - disse Jiri. - Você tem que proteger a parede. O universo.

Malan assentiu solenemente.

- Eu sei, mas fazer isso será um grande sacrifício.

- O que você quer dizer?

- Faltam pedras. - disse Malan.

- Quando criamos as pedras da estrela para os *Travetori*, algumas foram feitas, mas nunca foram incorporadas. Então as crianças começaram a nascer com elas e não precisávamos incorporá-las nós mesmos. As pedras que nunca foram usadas desapareceram. Até que sejam encontradas, o muro não será verdadeiramente completo e seguro.

- Que sacrifício é necessário? - perguntou Jiri.

- Valdin não esquecerá aqueles que são responsáveis por reduzir seu poder e mantê-lo de volta ao cumprimento de seu objetivo mais cedo. Ele primeiro vai aos *Denynso* que lutou contra Cassiopeia e os *Travetori*. Todos os que tiveram algum contato com os *Travetori* ou os *Kintani*, devem ser removidos de Uoria e todos os sinais de que os planetas foram ligados devem ser destruídos. As futuras gerações nunca podem saber o papel que os *Denynso* desempenhou nisso, porque se o fizerem, haverá uma chance maior de que alguém guie Valdin e seus seguidores para eles. Eles sempre odiarão os *Denynso* pelo papel que eles desempenharam, e Uoria deve ser protegida. Vamos levá-los para um local seguro e eles viverão seus dias lá.

- Tudo bem. - disse Jiri.

- Isso não é tudo. - disse Malan, sentindo que o rei continuaria. - Agora que Valdin conhece os fluxos, ele estará tentando entender como passar por eles. Os padrões de destruição estelar que eu vi nesses fluxos pareciam ser deliberados, como se eles estivessem praticando. Eu acredito que todo seu fluxo de existência está em perigo. Eu acho que eles vão direcionar, se eles puderem encontrá-lo.

- O que você quer dizer, se eles puderem nos encontrar?

- Você deve sacrificar seu planeta. - disse Malan. - Todos deverão deixá-lo. Uma vez que está vazio, não terá o apelo e espero que Valdin não tente destruí-lo. - Jiri começou a falar novamente, mas Malan o



deteve. - Esse não é o único sacrifício. - disse ele. - Assim como seu pai não conseguiu mudar a maneira como as nutridoras foram tratadas, porque era seu caminho e o caminho de seu pai, nenhuma criança nascida de pais sem pedras de estrelas, nascerá com essas pedras.

- Nós temos que remover nossas pedras. - disse Jiri.

Malan assentiu.

- Sim. Todas elas. Antes de qualquer outra criança ser concebida, todos devem remover suas pedras. Nenhuma geração adicional as terá. Isso quebrará os laços entre os *Denynso*, *Travetori* e *Kintani*. Sem esses laços, há menos chances de que o templo seja comprometido. Sem essas conexões, Valdin terá um tempo muito mais difícil encontrando seu caminho através dos fluxos para chegar a este. Enquanto podemos mantê-lo de volta enquanto buscamos as pedras restantes, a parede estará segura e poderemos selá-la, protegendo-a de uma vez por todas.

Jiri parecia dolorido, mas ele assentiu.

- Eu confiarei que você saiba o que é melhor.

- Obrigado, Jiri.

Malan alcançou a bolsa na cintura e retirou a caixa metálica contendo o portal que o ligou a Uoria. Este planeta variado e bonito era o mais incrível de qualquer que tivesse encontrado.

Os *Denynso* e os *Kintani* há muito mantiveram uma aliança e ele sempre gostou das suas visitas entre eles. Apesar de sua proximidade, os *Denynso* só sabia o que os *Kintani* permitiram, o que significava que eles não estavam inteirados da realidade das correntes ou da existência do templo.

Para eles, os *Kintani* simplesmente vieram de outro planeta e foram capazes de usar uma forma de transporte que só eles tinham acesso.

Mesmo assim, era muito perigoso, no entanto. Para proteger os dois, ele tinha que garantir que Uoria fosse fechada dos *Kintani* e do resto das correntes para sempre.

Ele teve que selar o portal lá e depois destruir este, efetivamente impedindo ele ou qualquer outro de usar esses portais novamente.

Pode não impedir todos os confrontos futuros, mas salvaria os



fluxos e criaria mais confusão para Valdin.

- Eu vou usar isso mais uma vez. - disse ele. - Apenas para ajudar todos aqueles em Uoria a fugir para a segurança.

- O que você fará com isso então? - perguntou Jiri.

- Uma vez que eu estou confiante de que Uoria está tão bem protegida quanto eu posso, esconderei este portal entre as estrelas. Em vez de estar em minha posse durante toda a minha vida e quando eu passar para o próximo, será guardado em um lugar onde ninguém jamais consideraria olhar, preso entre a paz das estrelas acima de um planeta que perderá todos os habitantes que teriam conhecido o seu significado.

- E depois disso? - perguntou Jiri. - O que você vai fazer?

- Continue olhando. - disse Malan. - As pedras estão lá. Há mais fluxos do que eu sei e é possível de que as pedras tenham sido espalhadas por eles. Se elas fossem simplesmente colocados no lugar errado ou carregados por alguém que visitasse outro fluxo ... - sua voz se apagou.

- Quem mais sabe sobre as correntes?

- Minha esposa. - disse Malan. - Minha melhor amiga. Tenho mantido a sua existência do meu jeito, e continuarei. É também muito traiçoeiro. Ninguém viaja. Ninguém mais se move através das correntes. Continuarei a procurar as pedras e não vou descansar até conseguir encontrá-las e restaurar a parede.

- E você está absolutamente certo de que você tem que cortar todos os laços entre nós e entre cada um de nós e os *Denynso*? - perguntou Jiri. - Não seria útil ter todos nós para enfrentar Valdin?

- Jiri, seu tipo lutou tantas batalhas e lutou pelo mesmo que Valdin e seus seguidores. Mas através de você, eles foram totalmente redimidos. É hora de você ser livre. Quando você remover suas pedras de estrelas e deixar seu planeta em Cassiopeia, você será liberado do controle dos *Kintani*. Seus filhos nascerão sem as pedras e nunca terão que saber o que aconteceu, se você optar por não contar a eles. Não direi a ninguém onde te trouxe. Além de mim, você simplesmente não existirá mais.

- Mas nós poderíamos ajudar. - insistiu Jiri.

- Não. - disse Malan.





- Você nunca deve ser forçado a olhar nos olhos do seu irmão em um campo de batalha. Seu trabalho está feito. Você trouxe a paz para o tumulto e salvou vidas. Agora é sua vez de viver. Eu o livrarei do seu planeta agora para um fluxo que eu explorei extensivamente. Há apenas um portal lá e, assim que você estiver lá, selarei esse portal para que ninguém possa entrar nesse fluxo de novo. Você estará seguro.

Ele se aproximou mais perto do jovem Rei e escovou um pedaço de cabelo longe de sua testa, de repente se sentindo envelhecido e desgastado mesmo que ele, em muitos anos mais velho do que Jiri, ainda era jovem.

- Que as gerações de sua família sobrevivam às histórias de sua juventude e às que vierem depois que você, conheçam apenas o que elas criam da vida.

Ele se virou e saiu do templo, precisando da solidão de sua casa. Logo ele começaria a tarefa de remover todas as pedras da estrela daqueles em Cassiopeia e preparando-os para deixar seu planeta para trás.

Malan ainda não estava preocupado com eles. Ele sabia que Jiri iria levá-los bem e que seu tipo floresceria no fluxo intocável.

O que pendia fortemente em seu coração era pensar em acabar com todas as conexões com Uoria e os *Denynso*.

Há muitos anos, antes de conhecer o significado disso, ele usara o conhecimento contido no templo para vislumbrar o futuro. A partir desse momento, ele jurou que nunca mais faria isso e que nunca divulgaria como foi feito a mais ninguém.

Prevenir qualquer outro aspecto nos anos que ainda não foram vividos, no entanto, não conseguiu tirar as imagens que foram queimadas em sua mente.

Ele os viu, e ele só podia esperar que, com essa difícil escolha e encontrando as pedras, ele pudesse mudar o que poderia avançar para os Guerreiros *Denynso*, os mais temíveis do universo.

